



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO

**LILIA DAS MANGUEIRAS: LUTAS E GLÓRIAS DE UMA 'NÃO CIDADÃ'
(1960-2012)**

CAJAZEIRAS-PB

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO

**LILIA DAS MANGUEIRAS: LUTAS E GLÓRIAS DE UMA 'NÃO CIDADÃ'
(1960-2012)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para obtenção da nota.
Orientadora: Profa. Dr^a. Silvana Vieira de Sousa.

CAJAZEIRAS-PB

2022

B2731 Barreto, Claudilene Gonçalves.
Lilia das Mangueiras: lutas e glórias de uma 'não cidadã' (1960-2012) /
Claudilene Gonçalves Barreto. - Cajazeiras, 2022.
106f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2022.

1. História. 2. História local. 3. História oral. 4. Cajazeiras-PB. 5.
Memória. 6. História social. 7. Lilia das Mangueiras. 8. Berdel. 9. Casa de
prostituição. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 94(813.3)

CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO

**LILIA DAS MANGUEIRAS: LUTAS E GLÓRIAS DE UMA 'NÃO CIDADÃ'
(1960-2012)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para obtenção da nota.

Aprovada em: 29/08/2022

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa (UFCG)
(Professora orientadora e presidente da banca)

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo (UFCG)
(Membro Interno I)

Profa. Dra. Ana Lunara da Silva Moraes (UFCG)
(Membro Interno II)

Profa. Ms. Maria de Lourdes Dionizio Santos (UFCG)
(Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

A minha fé e devoção me trouxeram até aqui, e com o coração cheio de gratidão venho honrar aqueles que nunca me desampararam: **Deus**, meu refúgio e ponto de equilíbrio, e a minha santa protetora e guia, **Nossa Senhora Aparecida**.

Minha eterna gratidão ao meu esposo **José Leonardo**, pelo incentivo e companheirismo. Por dividir a vida e os sonhos ao seu lado é que sou mais feliz e confiante. É por ela e para ela, minha filha, **Maria Cecília**, todas as minhas conquistas e realizações. Amo-te.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais: **Maria de Fátima** e **Francelino Gonçalves**, ambos já falecidos, de quem carrego terna saudade. Assim como aos meus oito irmãos, a quem eu tanto amo e sou grata por todos os incentivos e conselhos.

Sou imensamente grata a minha orientadora e Professora **Dr^a Silvana Vieira de Sousa**, por ter acolhido minha pesquisa, por acreditar e confiar em mim, pela paciência e dedicação em cada etapa desta pesquisa. Muito obrigada!

Joga pedra na Geni!
Joga pedra na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!
(Chico Buarque)

RESUMO

O presente trabalho retrata parte da trajetória de vida de Maria de Jesus (20/12/1938 - 20/04/202), popularmente conhecida por Lília, proprietária das Mangueiras, um dos bordéis mais famosos de Cajazeiras-PB, que funcionou entre os anos de 1960 a 2012. Trata-se de entender de que forma As Mangueiras contribuiu para o cenário social e cultural da cidade, uma vez que ela faz parte do calendário cultural de Cajazeiras, entendendo o papel de sua proprietária na construção de seu patrimônio econômico e cultural, definindo relações sociais importantes para sua projeção a ponto de ter sido indicada a receber o título de cidadã cajazeirense. A metodologia usada possui bases nos fundamentos epistemológicos da História Oral, com propósito de apresentar, a partir da memória coletiva e individual dos entrevistados, um olhar histórico em torno da vida de Maria de Jesus (Lília) e das Mangueiras. Quanto ao referencial teórico, dialogamos com os estudos de Rago (1990), Engel (2004), Nascimento (2008), Perrot (1995), Albert (2013), dentre outros que muito nos auxiliaram nesta produção acerca da vida de Maria de Jesus, mulher que dedicou boa parte de sua vida na construção de sua condição de dona de uma casa de prostituição.

Palavras-chave: Cajazeiras-PB. História Local. História Oral. Memória. História Social. Prostituição. Lília das Mangueiras.

ABSTRACT

The present work portrays part of the life trajectory of Maria de Jesus, (20/12/1938 - 20/04/202), popularly known as Lilia, owner of Mangueiras, one of the most famous brothels in Cajazeiras-PB, which operated between the years 1960 to 2012. It is about understanding how As Mangueiras contributed to the social and cultural scene of the city, since it is part of the cultural calendar of Cajazeiras, understanding the role of its owner in the construction of its economic and cultural heritage, defining important social relationships for its projection to the point of being nominated to receive the title of citizen of Cajazeirense. The methodology used is based on the epistemological foundations of Oral History, with the purpose of presenting, from the collective and individual memory of the interviewees, a historical look around the life of Maria de Jesus (Lilia) and Mangueiras. As for the theoretical support, we dialogue with the studies of Rago (1990), Engel (2004), Nascimento (2008), Perrot (1995), Albert (2013), among others who supported us in this production about the life of Maria de Jesus, the woman who dedicated a good part of her life to building her condition of owner of a house of prostitution.

Keywords: Cajazeiras-PB. Local History. Oral History. Memory. Social History. Prostitution. Lilia das Mangueiras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - A NOVA HISTÓRIA E OS NOVOS OBJETOS: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER PROSTITUTA NO BRASIL ...	13
CAPÍTULO II - DINÂMICAS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS NA CIDADE DE CAJAZEIRAS, DURANTE AS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX....	26
2.1 O CENÁRIO DA POLÍTICA MUNICIPAL DE CAJAZEIRAS DURANTE OS ANOS 1960 A 2000	30
2.2 OS DILEMAS SOCIAIS PROVOCADOS PELA CHEGADA DA MODERNIDADE	32
CAPÍTULO III - LILIA DAS MANGUEIRAS: POR UMA HISTÓRIA DE AMOR E DE LUTAS.	37
3. 1 A PROSTITUTA É, ANTES DE TUDO, UM SER DOTADO DE SOCIABILIDADES	41
3.2 COTIDIANO DA BOATE AS MANGUEIRAS NOS ANOS DE 1960 A 2000: TEMPOS DE FAMA E GLAMOUR.....	45
3.3 UM TÍTULO EM QUESTAO: “A MULHER QUE ENSINOU CAJAZEIRAS AMAR”	48
3.4 A MORTE DE LILIA E O FIM DA BOATE AS MANGUEIRAS.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICES	68

INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se a reconstituir parte da trajetória de vida de Maria de Jesus, popularmente conhecida como Lília, proprietária das Mangueiras, um dos bordéis mais famosos de Cajazeiras e região, que funcionou entre os anos de 1960 a 2012. Localizado às margens da BR-230, o local ganhou esse nome em alusão às diversas mangueiras que havia no local, ao tempo em que discutimos o papel de sua proprietária na construção de seu patrimônio econômico e cultural, sendo capaz de construir relações sociais importantes para sua projeção, a ponto de ter sido indicada a receber o título de cidadã cajazeirense.

Natural do sítio Cararé, município de São José de Piranhas-PB, Lília das Mangueiras teve uma infância muito difícil. Aos 15 anos de idade ela teria sido abusada sexualmente por um homem casado. Tendo ela consciência da gravidade do que havia acontecido, decidiu então fugir de casa. Desamparada e sem ter onde ficar, Lília enveredou pelo caminho da prostituição. O tempo passou e ela tornou-se uma das mulheres mais bem-sucedidas de Cajazeiras-PB, nas décadas de 70, 80 e 90. Sua autenticidade e carisma foram elementos essenciais para que ela conquistasse amizades de grande influência dentro da cidade.

A química que Lília tinha com o trabalho noturno transformou a boate em um espaço culturalmente importante, que muito teria contribuído para animar as noites cajazeirenses. Diante desse contexto é que, no ano de 1997, o vereador Severino Dantas (PT) propôs à Câmara Municipal de Cajazeiras o devido reconhecimento acerca das contribuições sociais e culturais das Mangueiras. O pedido de requerimento apresentado pelo vereador propunha a concessão do título de cidadã cajazeirense à Lília. O requerimento tinha como principal justificativa o pedido de perdão da sociedade por todo o preconceito difundido à classe das prostitutas da cidade. Porém, o requerimento foi reprovado na câmara municipal.

Buscaremos, contudo, entender o emaranhado de relações estabelecidas dentro e fora do bordel por Lília, trazendo particularidades do cotidiano da boate, procurando perceber o bordel enquanto dispositivo de geração de emprego e renda para muitas prostitutas, bem como lugar de sociabilidade, uma vez que As Mangueiras era um ambiente frequentado por muitos comerciantes, jornalistas, agricultores, dentre outros, que se utilizavam do lugar como ponto de encontro. Para construir uma narrativa histórica da vida de Lília e das Mangueiras faz-se necessário

entender as dinâmicas políticas, sociais e culturais da cidade durante as últimas cinco décadas do século XX.

Em relação ao papel social da prostituta, discutiremos como ocorreram as mudanças sociais e políticas ao longo do tempo, enfatizando a condição de submissão e negação da prostituição no imaginário social, realidade que batia de frente com os valores e normas da sociedade conservadora e patriarcal da época. Contudo não deixaremos de problematizar a questão da prostituição enquanto realidade ainda muito presente em nossa sociedade.

De acordo com Engel, (2004) a prostituição deve ser vista como espaço de resistência ao ideal de mulher frágil e submissa, uma vez que esta ideia fora construída ao longo dos anos, na qual associava-se, segundo a autora, a prostituição, a desordem social e a vadiagem, colocando em perigo os habitantes da cidade, e por isso deveria ser controlada e distanciada dos centros urbanos.

As narrativas aqui construídas utilizaram-se dos pressupostos da História Oral como fonte de pesquisa, a partir da análise qualitativa, o que nos possibilitou entregar com grande riqueza de detalhes imagens, fatos e histórias do nosso objeto de estudo. Sob o ponto de vista metodológico da História Oral foram realizadas entrevistas obtidas com o auxílio de um gravador, assim como escritas tais como: jornais da época, monografias, dissertações e documentos públicos, que nos permitiram a construção das narrativas em discussão com o referencial teórico, o qual dialogamos com os estudos de Rago (1990), Engel (2004), Foucault (1999), Perrot (1995), Albert (2013).

Assim este trabalho se compõe de três capítulos. O primeiro intitulado: A NOVA HISTÓRIA E OS NOVOS OBJETOS: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER PROSTITUTA NO BRASIL, onde discutiremos a respeito da Nova História e os novos objetos, diferença entre os sexos, limites simbólicos corporais e a construção da imagem da prostituta no Brasil, assim como os movimentos e projetos de leis que propõem a regulamentação da prostituição.

O segundo intitulado: DINÂMICAS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS NA CIDADE DE CAJAZEIRAS, DURANTE AS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX, esse capítulo tem como objetivo apresentar o tempo e o espaço em que estão inseridos o nosso objeto de estudo. Para isso, partimos da observação de algumas transformações ocorridas no espaço urbano da cidade de Cajazeiras-PB, tomando como ponto de partida alguns traços da modernidade, a evolução econômica e as

dinâmicas da política local, com intuito de entender as modificações geográficas e sociais do espaço.

E o terceiro: LILIA DAS MANGUEIRAS: POR UMA HISTÓRIA DE AMOR E DE LUTAS, onde buscaremos reconstituir parte da história de Maria de Jesus, popularmente conhecida como Lilia das Mangueiras, proprietária da casa de prostituição as Mangueiras, que se manteve em funcionamento durante as últimas cinco décadas do século XX. Trataremos de entender os caminhos trilhados em sua mocidade até a abertura da boate, tentando compreender o emaranhado de relações estabelecidas por Lilia e por sua rede de apoio. Por fim, será problematizado o projeto de decreto legislativo, apresentado na câmara municipal de Cajazeiras no de 1997, que tinha como objetivo dar à Lilia o título de cidadã Cajazeirense.

Buscamos contribuir com a história de Cajazeiras, que por muitos anos foi contada e escrita tendo seu ponto de partida a trajetória da família Rolim, tidos como fundadores e representantes da política local, trazendo novas narrativas e novos personagens que muitos contribuíram e abrilhantaram a história da cidade.

CAPÍTULO I - A NOVA HISTÓRIA E OS NOVOS OBJETOS: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER PROSTITUTA NO BRASIL

A chamada Nova História, que teve início a partir dos ensaios de Jacques Le Goff, na França, estava diretamente associada à Escola dos Annales. Esta nova maneira de pensar a história era uma reação ao modelo tradicional, que tinha como objeto de análise os homens importantes e seus grandes feitos. A quebra de paradigmas exigia, assim, uma nova experiência com o mundo. Tudo tem uma história, nesse sentido, ainda havia muito a ser explorado. A história das ideias, das sensibilidades, da infância, o relativismo cultural tornou-se objeto de análise de historiadores, sociólogos e psicanalistas.

Vários novos historiadores estão preocupados com “a história vista de baixo”; em outras palavras, com a opinião das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. A história da cultura popular tem recebido bastante atenção. (BURKE, 1992, p. 3)

Para o autor, a história vista de baixo expõe a limitação de fontes para trabalhar com os novos temas, desse modo, a evidência humana passa a ser analisada enquanto possibilidade investigativa. É exatamente nesse momento que as fontes visuais e orais se tornam respeitadas pelos historiadores. O novo campo lançava olhar acerca dos marginalizados, ampliando espaço para a história das mulheres, do gênero, da prostituição, dos artesãos, a “massa dos esquecidos” como bem disse E. P. Thompson.

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores, donos de nomes próprios, e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo (CERTEAU, 2003, p. 57)

Compassadamente vários historiadores voltaram-se para o homem comum, para aqueles que eram excluídos da história: os marginalizados e os oprimidos. A historiografia mudava o seu objeto central, interessando, então, os “detalhes”, o

“escondido”, o “real”, e foi nesse caminhar que passou a privilegiar a história das mulheres, não só as mulheres ricas, mas todo o gênero: mulheres pobres, pretas, prostitutas, loucas, etc. Todo esse processo foi lento e gradual, pois, àqueles que dominavam as palavras muitas vezes eram os que detinham o poder e faziam de um tudo para que não houvesse tais mudanças.

Já se disse que na sociedade ocidental existem temas e assuntos sobre os quais só falamos sussurrando. Em voz baixa...é de bom tom usarem-se metáforas quando se trata de moléstias, mênstruos, deflorações e deformações. Por outro lado, quando os historiadores ou antropólogos lança-se sobre as sociedades ditas arcaicas, nada os detém; a descrição da vida sexual do outro, considerado selvagem ou bárbaro, acompanha-se, normalmente, os detalhes mais crus. (DEL PRIORE, 1999, p. 1)

Interessada em estudar o espírito feminino, Mary Del Priore, em *Viagem Pelo Imaginário do Interior Feminino*, relembra os caminhos percorridos pela história para fazer com que a figura feminina pudesse ganhar voz e ser escrita, uma vez que eram vistas somente pelo saber religioso e pelo saber médico, que juntos garantiam um discurso conservador que perdurou por muitos anos. O olhar para o sexo oposto fazia com que a mulher fosse vista como um ser secundário, incapaz de se “conceber”. Ou seja, o homem era o único responsável pela condução da vida. Além disso, a mulher era tratada como incapaz, não só biologicamente, mas também moralmente, por isso “não merecia” ter uma história.

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa fraqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticências excessivas e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados aos do século XIX. (FOUCAULT, 1999, p. 9)

Segundo Michel Foucault, houve um período na história em que assuntos ligados principalmente à sexualidade não eram tão mal-encarados pela sociedade, entretanto, como um “rápido crepúsculo”, tudo mudou, e a sexualidade fora encerrada. A vida familiar passa a ser confiscada, o único lugar onde o sexo podia ser livre era dentro do quarto, tendo por finalidade a reprodução, como ressalta o autor. Fora dele, os corpos deveriam ser estritamente guardados, vigiados e

punidos. Foucault diz ainda que a medicina teve, desde de o início do século XIX, o papel de garantir que a sexualidade fosse “guardada”, e isso era feito através de um discurso normatizador, que, para ele, se reverbera até os dias atuais, por ser de fácil dominação.

O silêncio sobre essa situação foi aos poucos sendo questionado como aponta Perrot:

Tratava-se inicialmente de tornar visível o que estava escondido, de reencontrar traços e de se questionar sobre as razões do silêncio que envolvia as mulheres enquanto sujeitos na história. Isso conduziu a uma reflexão em torno da história enquanto produto de dominação masculina[...] (PERROT, 1995, p. 20)

Como vimos, a quebra desse silêncio esteve ligada aos novos interesses que cresciam gradativamente, a exemplo do primeiro Movimento das Mulheres, que aconteceu na França, em 1970, assim como o Mouvement de Libération des Femmes, um movimento social que tinha como tema a diferença entre os sexos. Ambos possibilitaram abertura para que diversos estudos e debates voltados para o feminino começassem a surgir. Para Perrot (1995) “Interessava inicialmente as figuras femininas mais oprimidas: prostitutas, domésticas, operárias, mulheres agredidas, etc”. Em vinte anos, os métodos e estudos na área foram sendo lapidados, foi, contudo, a partir da capacidade de resistência das mulheres nesses movimentos que surgiu uma nova história, a História das Mulheres.

Dessa abertura para diferentes temas surgiram outros métodos e técnicas necessárias para a pesquisa historiográfica, e é exatamente diante desse cenário atual que surge a História Oral como pressuposto metodológico para tais estudos. As novas metodologias tinham como objetivo dar voz aos sujeitos antes ocultos na História, desse modo, as narrativas eram a ponte para se chegar ao “desconhecido”.

Mas o que vem a ser, afinal, esse método-fonte-técnica tão específico? se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (ALBERTI, 2013, p. 24)

Obtidas a partir de um gravador, as entrevistas de história oral agora podiam ser usadas como fonte histórica, sendo tão importantes para a historiografia quanto

os documentos oficiais. Além disso, as fontes orais agiam como uma espécie de “lupa”, que maximizavam os mais profundos aspectos da subjetividade humana, conseguindo trazer para as narrativas uma riqueza de detalhes ainda não alcançados pela historiografia.

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam ventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (PORTELLI, 1997, p. 31)

No Brasil, estudos sobre a prostituição surgiram nos anos iniciais do século XX, quando as autoridades sanitárias tomaram como objeto de análise as mulheres públicas, fruto do rápido crescimento urbanístico das novas cidades, fazendo-se necessário uma organização e limpeza desses espaços, onde àqueles considerados degradadores dos bons costumes deveriam ser eliminados a fim de que o progresso pudesse caminhar.

Ameaçadora da sexualidade feminina, a fábrica é recusada por esta geração operária como lugar de degeneração da moral, como antro de perdição e da prostituição, em consequência da aglomeração promiscua e estreita dos dois sexos no trabalho (RAGO, 2014, p. 37)

Em livro clássico da historiografia feminina, *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar*, Margareth Rago trata sobre o início desse processo disciplinador das prostitutas, ainda nos anos iniciais da industrialização no país. Segundo ela, as fábricas eram vistas como fonte ameaçadora da ordem pela burguesia, por isso houve tantos investimentos políticos em manter uma normalidade social, o que causou uma série de mudanças no setor operário e na própria definição de família. As classes dominantes agiam no interior das fábricas, pois era dentro delas que surgia a indisciplina moral. Homens e mulheres em permanente contato podiam dar espaço para que desejos íntimos aflorassem. Além disso, era por meio da independência financeira que muitas mulheres se revelavam perfeitas donas de suas vidas. Assim, evidentemente, as fábricas e as ruas foram objetos de constante vigilância dos setores reformadores.

A temática das relações entre os sexos abrangia assim aspectos das representações do masculino e do feminino, do sexual, do afetivo, enfim, do casal, da família e da chamada “vida privada”. Tendo colocado esses dois assuntos inter-relacionados, escolhi observá-los separadamente. (ARY, 2000, p. 18)

A respeito das relações entre os sexos, Zaíra Ary mostra o importante papel que a igreja católica teve enquanto instituição produtora de valores e normas, que junto com outros órgãos de poder exerciam grande influência nas ações dos homens e mulheres da época. A autora enfatiza ainda a construção negativa da figura feminina no Ocidente, a contar de Eva. Segundo ela, “Essas interpretações católicas difundiram uma imagem de mulher - Eva - como pura natureza, pura sexualidade, fraca, impura e perigosa”, o que levou a criação de um outro ideário de mulher “pura”, “mãe”, “assexuada” e “divinizada”.

Para Rago (2014), a redefinição de família constitui peça mestra, visto que suas bases foram elaboradas em uma realidade onde autoridades higiênicas puderam agir nos centros urbanos, no interior das fábricas e na vida privada dos habitantes, impondo códigos e normas de boa conduta. Esses espaços, que eram, diga-se de passagem, o lugar comum das meretrizes, foram rigidamente vigiados, sobrando como alternativa descer para locais mais afastados, os chamados subúrbios.

Além de se acumular nas favelas, os despejados o fizeram em cortiços e hotéis baratos, os “zungas”, em que famílias inteiras alugavam esteiras no chão, alinhadas umas ao lado das outras, em condições subumanas. Como essas alternativas ainda acarretavam riscos de ordem sanitária, a Administração da Saúde se voltou contra elas. (SEVCENKO, 1998, p. 23)

O dinamismo social provocou, no início da industrialização no Brasil, mudanças profundas na vida das pessoas, alterando seus hábitos, costumes e a forma de comunicação, especialmente nos grandes centros urbanos do país. Na medida em que a segurança sanitária criava padrões higiênicos para controlar os hábitos da população, as classes mais pobres eram despejadas para as áreas periféricas, como bem coloca o autor.

Ademais, as mulheres eram oprimidas pela hierarquia sexual, tanto em casa quanto no trabalho. Todavia, quando a indústria tornou a empregá-las nas fábricas, mudando com isso suas condições de trabalho, as tabaqueiras desenvolveram uma consciência própria dos seus interesses comuns e uma solidariedade, que formam a base da ação coletiva e de resistência. (TILLY, 1994, p. 45)

A diferença entre os sexos e os estudos de gêneros são elementos fundamentais para entender as relações socioculturais entre homens e mulheres ao longo do tempo, desse modo, as experiências de ambos os sexos se deram de formas diferentes, quando falamos de industrialização e de trabalho dentro das fábricas. Ao contrário dos homens, as mulheres tinham mais facilidade em dar conta das tarefas domésticas, cuidar dos filhos e do trabalho nas fábricas – este desenvolveu nelas consciência e resistência, unindo-as ainda mais, possibilitando muitos movimentos sociais em prol dos direitos das mulheres.

A condição feminina de inferioridade e passividade foi algo produzido simbolicamente pelo sexo oposto, na qual as mulheres eram vistas como consentidoras de tal condição. Roger Chartier, a partir dos estudos de Pierre Bourdieu, trata a condição em que as mulheres são submetidas como “violência simbólica na qual a partir dessa submissão é possível compreender a relação de dominação como um processo histórico, cultural e linguístico, que se afirma a partir de uma diferença de natureza, irreduzível e universal”. Ele coloca que essa dominação é sempre produzida por dois sujeitos: os dominados e os dominadores, e constitui-se por meio de um discurso que o legitima. Nesse sentido, o sucesso do processo de violência simbólica se dá pela contribuição dada por aquele que sofre a violência, por isso a análise de discurso é tão importante para entender o papel que as mulheres ocupam na sociedade.

Um objetivo maior da história das mulheres é então o estudo dos discursos e das práticas, manifestos em registros múltiplos, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres constem nas representações dominantes da diferença entre os sexos: dessa forma a divisão das atribuições e dos espaços, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sociais, a exclusão da esfera pública, etc. Longe de afastar do “real” e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros. (CHARTIER, 1995, P. 40)

As mulheres sempre tiveram a sua imagem associada à inferioridade, do mesmo modo, a prostituição era entendida a contar de padrões comportamentais pré-definidos para homens e mulheres, ou seja, a imagem que se constituiu da prostituta está diretamente vinculada ao ideal de sociedade de cada época. Os estereótipos que rodeiam o campo da prostituição são fortemente relacionados a negativa imagem da meretriz como corpo doente. De outro modo, a condição da mulher prostituta era muito associada ao seu destino, tal condição se dava pelo fato de que muitas mulheres resolveram prostituir-se por conta da sua condição financeira. Entretanto, independente de tal pressuposto, seja por necessidade ou por prazer, a imagem que se formula da prostituta é determinada pelos padrões sociais de cada sociedade. Segundo Rago (1990), a mulher que escolhia o caminho da prostituição, e não do casamento — que lhe exigiria total pertencimento ao ideário de mãe-esposa —, era vista como mulher rebelde.

Se se prostitui para fugir ao casamento e á monótona da vida doméstica, parece mais como uma figura rebelde e politicamente resistente [...] Num caso ou noutro, aprecia-se a prostituição a partir de uma perspectiva normativa e a meretriz é romantizada como uma mulher vitimizada pelas forças inelutáveis do acaso, ou como, “mulher rebelde”. (RAGO, 1990, p. 13)

A historiografia responsável por abordar temas como a prostituição vem fazendo grande esforço para manobrar a direção de suas pesquisas não mais para os lugares privilegiados, que geralmente convergem para um ponto comum: a negatividade e romantização do tema, mas busca manobrar suas atenções para o cotidiano — onde as relações sociais, culturais e trabalhistas apresentam mudanças significativas. Fonseca (1996), mostra a dupla carreira da mulher, dividida entre as atribuições comuns à familiar e ao trabalho. A antropóloga destaca que, no caso da mulher prostituta, a dimensão familiar é ignorada, sendo difícil de ser percebida para além de seu ofício no metiê. Ou seja, mesmo as mulheres prostitutas, ao contrário do que se pensa, têm uma vida familiar e redes sociais próprias.

Para além do que se imagina de uma prostituta “sem passado e sem futuro”, a meretriz, a eterna prostituta como coloca a autora, é uma pessoa real, que possui anseios e atribuições como qualquer outra pessoa. A meretriz é alguém amplamente centrada de sociabilidade feminina e familiar, pois está ambientada a uma dinâmica

social rodeada de relações pessoais, até mesmo com seus clientes, pois, na maioria das vezes, ela torna-se ouvinte e conselheira deles.

Em um trabalho muito feliz, Pasini (2000) decide-se a compreender os limites simbólicos e corporais da prostituição feminina, isto é, ela busca refletir sobre como as mulheres prostitutas estabelecem a relação com seus parceiros e seus clientes. Para a autora, os limites corporais tornam-se espaços que possuem significados sociais e culturais.

Entendo a prostituição feminina como uma atividade praticada por mulheres que estabelecem relações sexuais com diferentes homens em troca de dinheiro – um ato constituído por uma relação entre a garota de programa e os clientes. (PASINI, 2000, p. 183).

Percebemos que mesmo a mulher pública que usa seu corpo como mercadoria de troca, estabelece, segundo Pasini, um limite entre o trabalho e a vida privada. Ademais, essa limitação na hora da negociação, entre o que é concedido e o não aceitável na relação, é uma demonstração, muito real, de como elas separam o amor e o sexo, e mostra como elas têm dimensão dos limites simbólicos de seu próprio corpo.

A prostituição na sociedade brasileira do século XIX, apresenta-se como uma realidade complexa, múltipla e contraditória, cuja compreensão é particularmente dificultada pelo peso dos preconceitos morais. De qualquer forma, é preciso não perder de vista que os significados dos comportamentos, os que nos habituamos a identificar como prostituição possuem uma especificidade que só pode ser resgatada e compreendida se levarmos em conta a sua inserção num dado imaginário social. (ENGEL, 2004, p. 27)

Em primeiro lugar, Angel apresenta a prostituição como sendo uma realidade difícil e multifacetada, sendo universo de lutas e resistências, em relação ao ideário de mulher que é imposto pela sociedade conservadora. A autora aponta que a prostituição passa a ser produto dos valores que regem a sociedade. Dentro da sociedade colonial as prostitutas eram inseridas na categoria dos “desclassificados sociais”, sendo exatamente nesse período que houve maior ênfase da atuação dos poderes públicos sobre as prostitutas.

Trata-se de uma época em que os códigos de boa conduta foram criados para assegurar que as normas fossem seguidas e para diferenciar as mulheres honestas das prostitutas. A vigilância era tanta que as meretrizes eram obrigadas a assinar termos como o “termo de bem-viver”. Em 1890, surge o Lenocínio, onde passa a ser considerado crime a prática de gerenciar a prostituição ou induzir alguém a prostituir-se, além disso, quem andasse com trajés inadequados, fizesse escândalos nas ruas, ou gestos obscenos, acabava recebendo algum tipo punição.

Mas o primeiro passo dado pela justiça para a criminalização da prostituta foi à inclusão, pela primeira vez no Brasil, do lenocínio no Código Penal de 1890, artigos 277 e 278, do decreto 847 de 11/10/1890. Isso significa que a justiça passou a se preocupar com esta prática não só porque era algo constantemente pedido pelos médicos e higienistas, mas especialmente pelo fato da prostituição ser considerada um entrave para o processo modernizador do país. (NASCIMENTO, 2008, p. 4)

Assim sendo, mulheres que exibissem posturas inadequadas, fora dos padrões sociais, não combinavam com os ideais de progresso e da modernidade.

A prostituição é, segundo muitos, a “profissão mais antiga do mundo”. Esse status nos leva a discutir por que a prostituição não é vista como uma profissão como todas as outras. À vista disso, precisamos pensar como essas mulheres começaram a prostituir-se, quais circunstâncias e sobre quais contextos socioeconômicos elas estavam inseridas, ou seja, é importante analisar se tal postura é fruto de uma vontade própria ou por ser a única alternativa de vida. Para Simões (2010), a reivindicação da prostituição enquanto profissão nos leva a estudar alguns aspectos.

Reivindicar a prostituição como uma profissão obriga a distinção de condutas, posturas, procedimentos, direitos, deveres e certa ética. Mas não só: para a aquisição de certas competências e a assunção de responsabilidades, torna-se necessário recusar o papel de vítima, frequentemente atribuído às prostitutas independente do contexto em que exercem a atividade. (SIMÕES, 2010, p. 25)

No Brasil, os debates sobre o reconhecimento da prostituição como ocupação deram origem a diversos movimentos em prol das prostitutas, mobilidades bem coordenadas, com apoio dos órgãos de saúde como o próprio Ministério da Saúde e

do Ministério do Trabalho, gerando resultados positivos para tais minorias. A visibilidade alcançada nos anos de 1990 ajudou a fundar a Rede Brasileira das Prostitutas (RBP), com sede no Rio de Janeiro, tendo como forte aliada a Comissão Nacional da AIDS. A RBP conseguiu alcançar expressiva projeção na mídia nacional, e até hoje é financiada pelo Banco Mundial.

Em 1987, as mulheres realizaram o I Encontro Nacional das Prostitutas, no Rio de Janeiro, onde discutiram a respeito de suas condições de vida e denunciaram os atentados aos seus direitos civis. Além desse encontro, muitos outros movimentos foram organizados no país, como o caso do I Encontro Norte-Nordeste de Prostitutas, que aconteceu em 1988, em Recife, e teve como pauta o artigo V do código penal. Há, por tanto, uma resistente união das prostitutas, que lutam todos os dias por melhores condições sociais, buscando sempre fazer valer os seus direitos.

Os movimentos e debates em torno da prostituição fizeram com que o tema passasse a ser discutido na política nacional, a exemplo disso foi a ação do Ministério do Trabalho e Emprego que reconheceu, em 2002, as prostitutas em sua classificação brasileira de ocupação, onde passariam, inclusive, a ser chamadas de profissionais do sexo. O deputado federal Fernando Gabeira levou ao Plenário, em 2003, o Projeto de Lei nº 98, que propunha a descriminalização da prostituição e o pagamento pelos serviços prestados pelas profissionais do sexo. Além desses requisitos, o projeto pretendia eliminar o artigo 229 do código penal brasileiro, que criminaliza as casas de prostituição, ou o favorecimento delas. O projeto encontra-se atualmente arquivado.

Jean Wyllys, em 2012, eleito à época deputado federal pelo PSOL-RJ, protocolou na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei Gabriela Leite (PL 4.211/2012). O projeto foi batizado de Gabriela Leite em homenagem à ex-prostituta, socióloga e defensora dos direitos feministas. A proposta busca uma distinção clara entre exploração sexual e prostituição. Sendo a prostituição uma atividade econômica, profissional e legítima; já a exploração sexual, o não pagamento, ou pagamento inadequado pelos serviços prestados, assim como aliciar ou induzir a entrada ou a permanência de pessoas forçadamente na prostituição. As casas de prostituição seriam legalizadas desde que não fossem nelas praticadas a exploração sexual. Por fim, o projeto promove o direito social à classe de prostitutas, dando a elas o direito de aposentadoria após 25 anos de contribuição.

O PL Gabriela Leite, protocolado em 2012, mesmo tendo demonstrado consideráveis avanços em relação ao seu anterior, ainda é alvo de severas críticas. Ao que tange seu caráter social, o movimento das prostitutas cobra, na verdade, não uma regulamentação da prostituição, mas sim políticas públicas que estejam ao alcançar de toda a classe não só de prostitutas, mas de todas as mulheres. Resumidamente a regulamentação da prostituição não é algo que agrada a todas as prostitutas e aos movimentos em prol da prostituição, mas sendo esse o único caminho para descriminalização da profissão.

A perspectiva das organizações é colocar discussão da prostituição no campo da cidadania – enfatizando-se em especial, a questão da atividade referir-se a direitos sexuais e trabalhistas, e não a uma questão criminal/penal. (RODRIGUES, 2009, p. 70)

É preciso expandir o debate sobre como tem sido difícil e arriscado assumir a prostituição no Brasil, visto que muitas são as violências que essas mulheres sofrem nos centros urbanos. Apesar de todos os direitos já conquistados, não é possível dizer que a prostituição seja uma atividade profissional igual as demais, uma vez que faltam leis e políticas públicas que assegurem o resguardo de suas liberdades. A historiografia atual dá-nos possibilidades de enxergar a prostituição de diferentes prismas:

Evidentemente, não se pode negar que, no Brasil, a miséria seja um dos maiores fatores que leva as mulheres à prostituição. Entretanto, atribuir a entrada e a permanência nessa prática unicamente a questões financeiras é um argumento redutor, além de misógino, pois nega, mais uma vez, o direito à mulher de escolher livremente como quer viver sua sexualidade. Ou seja, se posicionar como sujeito desejante e histórico, fazendo da prostituição uma escolha como outra qualquer. (CECCARELLI, 2008, p. 9.)

Ainda segundo o autor, a prática da prostituição não se sustenta sem a figura do cliente, porquanto este contribui como fator de permanência contínua. Mesmo com toda criminalização da sociedade em torno desses corpos, eles permanecem resistindo apesar toda adversidade que passam diariamente. Segundo Ceccarelli, a prostituta é tal-qualmente resultado da “cultura machista”, que muitas vezes força a entrada das mulheres na prostituição, utilizando-se de vários tipos de violência. Dessa forma, percebemos o quão contraditório esta lógica é: ao mesmo tempo que

a sociedade machista provoca a entrada no mundo da prostituição, ela mesma, com seus códigos e leis, rejeita a prostituição.

A discussão, pois, não é voltada a vitimizar a trajetória dessas mulheres, mas sim a analisar seus motivos e a estudar as circunstâncias sociais dessas mulheres. Segundo Fonseca, na maioria das vezes elas seguiam esse rumo por necessidade, visto que muitas delas começaram a prostituir-se porque precisavam sustentar os filhos e família, realidade muito parecida com a das mulheres que frequentavam As Mangueiras. Por meio das narrativas aqui expostas notamos que muitas meninas trabalhavam na boate para conseguir juntar algum dinheiro, e mandá-lo para suas famílias. Obviamente, tais depoimentos denotam que muitas gostavam do papel que exerciam, porém, mesmo as que se viam nessa postura, faziam também por necessidade.

Como tal, o conceito de prostituição é saturado de conotações extremamente moralistas e associado às imagens de sujeira, da podridão, do esgoto, em suma, de “tudo aquilo que constitui uma dimensão rejeitável da e pela sociedade. Condenado a prostituição, a sociedade gostaria de eliminá-la como a uma parte cancerosa. Vale lembrar a constância com que metáfora orgânica “cancro social” é utilizada para designar o comércio do prazer. (RAGO, 1990, p. 23-24)

Para Rago, a prostituição é um fenômeno urbano que passa a ser visto como símbolo de adjetivação para todas as mazelas da sociedade. Enquanto fenômeno comum às cidades, é necessário entendê-lo a partir das dinâmicas sociais. Devemos, portanto, fazer certos questionamentos, notadamente: *qual é o papel social das prostitutas? Que função o comércio da prostituição ocupa na sociedade? Como ocorre a sociabilidade das prostitutas no tocante a sociedade em que vivem?*

Em primeiro lugar, é preciso observar como a sociedade percebe a figura da mulher prostituta na qualidade de membro do corpo social, o que nos levando a perguntar: *seria ela considerada cidadã como todos os demais sujeitos? Sendo ela reconhecida enquanto sujeito social, por que, por tantas vezes, tentou-se apagá-la da história?*

A questão da concessão do título de cidadã cajazeirense a Lilia das Mangueiras, em 1997, proporcionou o surgimento de novas formas de ver e refletir a realidade dessas mulheres, nos levando exatamente a alguns desses

questionamentos, proporcionando uma melhor percepção de como era estabelecida a relação entre a sociedade cajazeirense e as prostitutas de seu espaço. Ora, como membro da sociedade, a prostituta cumpre seus deveres para com o estado e com a sociedade em que vive, tal qual os demais. Logo, reconhecê-la enquanto cidadã deveria de ser um direito legítimo dela.

O princípio da pessoa humana é a base do estado democrático de direito, onde todos os homens devem ter respeitados os seus direitos fundamentais. É a garantia de uma sociedade justa e equânime. O Estado tem sua existência em função dos cidadãos. Todos os indivíduos são titulares dos direitos fundamentais, sem que haja qualquer distinção. (PEREIRA, FEIJÓ. 2014, p. 53)

O estado teria a função de proteger e garantir que todas as pessoas usufruíssem os mesmos direitos, que fossem livres e vivessem em segurança, de forma igualitária. O estado foi criado para que exercesse a função de garantir, sem qualquer distinção, a igualdade de direitos. O não cumprimento desses direitos levou a união de prostitutas de todo o país a reivindicar e promover eventos voltados tanto para o reconhecimento de direitos quanto para a construção de suas identidades.

Na Historiografia, como vimos, a Nova História abriu caminho para que assuntos como a prostituição pudessem ser estudados na esteira de outros tantos assuntos considerados marginalizados no campo da historiografia. Além disso, os atuais objetos dão abertura também para que novos métodos e técnicas de pesquisa possam surgir. Como resultado, a mulher, que antes era vista como secundária, passou a ser protagonista, ela e suas mais variadas facetas. Desse modo, até mesmo àquelas que eram desconsideradas, como é o caso das prostitutas, passaram a ter seu lugar na história.

Estudar a história da prostituição é conhecer a história das mulheres, do gênero, das classes e das dinâmicas sociais. Não é possível entender a prostituição sem considerar o deslocamento dinâmico do sistema capitalista e sem entender a lógica das cidades e do movimento urbano. Nesse sentido, o próximo capítulo tem como objetivo analisar como era a sociedade cajazeirense nas últimas décadas do século XX, bem como o contexto social da época.

CAPÍTULO II - DINÂMICAS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS NA CIDADE DE CAJAZEIRAS, DURANTE AS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Este capítulo tem como objetivo apresentar o tempo e o espaço em que estão inseridos o nosso objeto de estudo. Para isso, partimos da observação de algumas transformações ocorridas no espaço urbano da cidade de Cajazeiras-PB, localizada a 474 km da capital João Pessoa, durante as últimas décadas do século XX, tomando como ponto de partida alguns traços da modernidade, a saber: o forte cultivo e comercialização do algodão, a chegada do trem, os primeiros jornais e revistas, a evolução econômica e as dinâmicas da política local, com intuito de entender as modificações geográficas e sociais do espaço.

Como vimos no capítulo anterior, os ideais de modernidade provocavam mudanças profundas na vida dos habitantes da cidade, como nos grandes centros urbanos da época, especialmente nas formas de organização e divisão dos espaços. Tais mudanças, que tiveram início nas primeiras décadas do século XIX, tinham como objetivo trazer ao Brasil os mesmos valores e costumes da cultura europeia, mas agora com um toque de nacionalidade e patriotismo, a fim de construir as bases para a formação de uma nova identidade nacional. Tratava-se de construir os caminhos da "Pátria Nação", agora sob a perspectiva do moderno.

A modernidade é, todavia, um fenômeno urbano, compartilhado de diferentes formas pelas diferentes sociedades ao longo do tempo, que pode ser percebida pelas tradições ou pela liberdade cultural, ou seja, a modernidade de uma cidade pode ser percebida a partir da organização dos espaços, o uso destes, assim como pelo estilo de vida de seus habitantes.

Para concluir, a modernidade define-se pelo seu caráter de massa: é uma cultura da vida cotidiana e uma cultura de massas. Baudelaire, apesar de sua definição elitista, orientou a modernidade para o que Henri Lefebvre, filósofo da modernidade e da vida cotidiana, chamou "a flor do cotidiano". (LE GOFF, 1990, p. 195)

Nessa configuração, é importante identificar como foi vivenciado o sentimento de modernidade material tal qual a renovação de ideias na cidade de Cajazeiras, espaço de nosso estudo. A cidade, situada no Oeste paraibano, foi fundada no ano de 1863, data carregada de intensa carga simbólica para o povo cajazeirense, visto que também se refere ao nascimento do Pe. Luiz Gomes de Albuquerque. A data de

fundação da cidade é uma homenagem feita ao padre, considerado seu fundador. A cidade recebeu o nome de Cajazeiras em alusão às diversas árvores presentes no seu solo. A fazenda Cajazeiras angariada a partir de uma sesmaria à Ana Francisca de Albuquerque, casada com Vidal de Souza Rolim, cuja união nasceram alguns filhos, um deles foi o padre Inácio de Souza Rolim. O sistema de doação em questão obedecia a um padrão de distribuição e ocupação das terras desde o período colonial, efeito do esquema de benefícios, posse e troca de poder, dando aos grandes latifundiários, grandes lotes de terras.

O estabelecimento da família Rolim possibilitou o povoamento e o desenvolvimento do lugar. Construíram um açude e uma capelinha religiosa, elementos essenciais para que se fizesse fixar a moradia de outros habitantes nos arredores da fazenda. As primeiras vinculações entre esses moradores aconteceram por intermédio dos pedaços de terras doados aos trabalhadores do campo, interessados em cultivar o lugar. Por efeito de tamanha dependência, o trabalhador braçal se via diante da obrigação de dividir parte considerável de sua colheita com o dono da terra, sobrando muito pouco para o sustento de sua família.

A criação de uma escola nos arredores da fazenda Rolim possibilitou o desenvolvimento cultural e espacial, contudo, a novidade estabelecida não era desfrutada pela população pobre, que, em sua maioria, era responsável pelo povoamento local, mas sim aproveitada pelos sujeitos mais abastados da região. Apesar das insuficiências apresentadas, a aquisição da Escolinha Serraria, fundada pelo Padre Rolim, é considerada um fator positivo, na medida em que provocou a vinda de diversos estudantes, possibilitando o contato com outros costumes e culturas (IBGE, 2015).

O espaço era uma casinha pequena que abrigava apenas meia dúzia de estudantes, mas aumentava de acordo com a chegada de novos alunos, pois a casa de ensino fazia oração que chegava aos discípulos, assim, cada aluno esperava por seu teto. A escola começou a crescer a partir de 1833, atraindo estudantes do local e de outras regiões e impulsionando o desenvolvimento do povoado, construindo uma grande obra educacional fundamental para a prosperidade da cidade de Cajazeiras-PB. (SILVA NETO, 2015, p. 14)

O crescimento e desenvolvimento da cidade em torno da escola fundada pelo Padre Rolim proporcionou à cidade o título simbólico de “Cajazeiras: a cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Além disso, foi criada uma escolinha particular voltada para

a educação das mulheres da região, em 1843, escola essa que recebeu o nome de Colégio Padre Rolim, (SILVA NETO, 2015). O investimento no setor educacional promoveu uma visão positiva da cidade, tal feito ajudou a tornar o município de Cajazeiras um dos maiores polos educacionais da região.

Além do fator educacional que muito contribuiu para o desenvolvimento cultural da cidade, Cajazeiras também cresceu nos setores ligados à economia, responsáveis pelo aceleração do comércio local e pela reconfiguração do centro urbano.

As primeiras atividades econômicas do município estão relacionadas aos setores primário, secundário e terciário, onde os setores primários correspondem às pessoas que trabalhavam nas áreas agrícolas, pecuárias, pesca e os trabalhos de extração, produção de vegetais. O setor secundário abrange atividades ligadas às indústrias e o setor terciário diz respeito às pessoas que trabalhavam no comércio, bancos, transportes, etc. (SILVA NETO, 2015, p. 20)

Durante as primeiras décadas do século XX, o progresso e a modernidade se faziam sentir em Cajazeiras-PB, a partir do plantio e cultivo do algodão, uma vez que a flor do algodão acelerava o ritmo econômico da cidade à medida que estimulava o comércio local e provocava mudanças na dinâmica social. A vida cotidiana se dinamizava a cada colheita, ao passo que o pedaço de chão se transformava em algo cada vez mais lucrativo para os donos de terras, enquanto o homem do campo continuava a levar uma vida difícil.

O manejo com o algodão era um trabalho duro, precisava de muita dedicação durante o ano inteiro, até a hora da colheita, também era um trabalho braçal, a sol ardente, e exigia muita coragem e resistência por parte dos trabalhadores. O resultado de todo esse trabalho não era celebrado com muito entusiasmo pelos trabalhadores, uma vez que a maior parte dos lucros ficavam nas mãos dos donos de terras e dos grandes comerciantes, sobrando ao agricultor a esperança por dias melhores.

O algodão era comercializado com entusiasmo, como se fosse ouro. De fato, aquela flor branca era vista pelos latifundiários da terra como o ouro do sertão, o ouro branco que os enriquecia a cada colheita. Para as mãos que acolhia, aquela brancura era a esperança de subsistência entre terras e vidas áridas. (SILVA NETO, 2021, p. 22)

De acordo com o historiador Osmar Luiz da Silva Filho (1999), o algodão trouxe à cidade de Cajazeiras-PB aspectos típicos do progresso, estimulando alterações na configuração urbana, dando origem às primeiras casas comerciais e a construção de usinas para o preparo do algodão. Segundo o autor, a comercialização do algodão trouxe, definitivamente, riqueza a Cajazeiras-PB, marcando assim o desenvolvimento econômico da cidade. Todavia, é importante ratificarmos que nem todos esses dispositivos sofisticados estavam à disposição de quem trabalhava e vivia com o mínimo.

Muitos foram aqueles que participaram dessas empreitadas com o algodão, sertão adentro, resultando daí o desenvolvimento do perfil material da cidade, gerando circulação de dinheiro e o estabelecimento e desenvolvimento de casas de comércio, bem como a melhoria do beneficiamento dessa cultura com a instalação da usina Santa Cecília. (SILVA FILHO, 1999, p. 292.)

A implantação de usinas possibilitou gerar novos empregos a uma quantidade expressiva de pessoas, tanto da cidade como também do campo. Cajazeiras passou então, a receber maior atenção por parte de produtores rurais e de comerciantes das cidades circunvizinhas, fazendo do centro da cidade um importante polo de trocas comerciais e simbólicas, causando mudanças na arquitetura e no fazer cotidiano, processo de mudança muito semelhante ao dos grandes centros urbanos. Silva acrescenta: “Além da riqueza provocada pelo plantio do algodão, outros fatores contribuíram para fazer chegar à circulação de dinheiro em Cajazeiras” (SILVA FILHO, 1999, p. 293).

De acordo com Silva Filho (1999), a construção de açudes na região, por volta da década de 1920, tais como o açude de Boqueirão e de Pilões, provocou a circulação de estrangeiros a localidade, de modo que a convivência com o diferente proporcionou influência nos hábitos e costumes dos habitantes locais.

Além disso, outro elemento que movimentou a década de 20 em Cajazeiras foi a chegada da ferrovia. O trem dinamizava o cotidiano da cidade, uma vez que fora através dele que os habitantes passaram a receber a influência de pessoas, de ideias, e das novidades das capitais mais próximas. (SILVA FILHO, 1999, p. 204-295)

Além de dinamizar a circulação de diferentes sujeitos, o trem, forte símbolo da modernidade, anunciava a chegada do progresso, visto como fator positivo para os

comerciantes locais, uma vez que a população mais pobre, principalmente do campo, não usufruía de tal elemento inovador. Ou seja, a chegada do trem serviu para facilitar o comércio do algodão e da indústria alimentícia, uma vez que ligava o interior às grandes capitais, embora não fosse considerado uma melhoria para a população comum. Segundo Silva Filho (1999), foi exatamente nesse contexto que os primeiros jornais começaram a ser produzidos em Cajazeiras. Essa dinâmica comercial tem reflexo na vida política, tendo correlação direta com outras esferas do poder público.

2.1 O CENÁRIO DA POLÍTICA MUNICIPAL DE CAJAZEIRAS DURANTE OS ANOS 1960 A 2000

No campo da atuação política, Cajazeiras, assim como em toda a Paraíba, nas primeiras décadas do século XX, tinha o coronelismo firmado nas raízes de sua terra, e este encontrou na cidade a fertilidade necessária para o desenvolvimento de sua estrutura política. A riqueza do solo cajazeirense provocou o estabelecimento de grandes latifundiários, detentores das terras em que se cultivava o algodão. Segundo Silva Neto (2021), o algodão que crescia nas fazendas dos coronéis era tão forte que foi capaz de mudar as feições da cidade, proporcionando ampliação e modernidade ao espaço.

Os representantes legais que compunham as autoridades políticas eram, em geral, indivíduos do mesmo grupo: filhos de fazendeiros, ou eles próprios donos de terras, criadores de gado, produtores de algodão — donos dos principais estabelecimentos comerciais da cidade. É diante de tais contextos que a política da cidade se firmou, e assim esses agentes tornaram-se responsáveis por comandar todas as esferas do poder público.

A história de Cajazeiras, desde a sua fundação, em 22 de agosto 1863, sempre foi marcada pela influência religiosa, econômica e educacional da família Rolim. Nesse sentido, além de depositários da riqueza material eles possuíam o conhecimento intelectual, dominavam as letras e o saber religioso.

Historicamente está provado que Cajazeiras esteve sob o controle político de famílias ligadas ao nascimento da cidade ou que alicerçaram sua formação econômica, cultural, religiosa e social desde a sua origem, onde o autor faz um resumo iniciando com o seu fundador, [...]. (ROCHA, 2015, p. 58)

Como detentores do saber e do poder, eram eles as pessoas tidas como aptas a comandar a política local, e assim ocorreu até o final do século XX, de modo que lideraram, com muita mansidão, mesmo inserido no contexto das políticas coronelistas. Apesar de toda aparente gentileza, eram governos fortemente revestidos pelos valores tradicionais.

Os anos de 1960 foi um período de grande euforia na política nacional, marcada pelo contexto da ditadura militar e pelos ataques aos direitos políticos e sociais. O processo antidemocrático, liderado pelos militares do partido da ARENA, foi, aliás, um golpe de estado bem articulado, onde elegeram o Marechal Castello Branco como presidente da república. Os militares comandaram por mais de 20 anos o país. Uma das principais características desses governos era a forma arbitrária e violenta com que comandavam os setores da esfera pública.

Cajazeiras, durante a década de 60 tinha como principal força política o Dr. Otacílio Jurema, que assumiu o comando da prefeitura em seu segundo mandato, no ano 1959, filiado à União Democrática Nacional (UDN). O governo Otacílio realizou obras importantes para a cidade como o abastecimento de água, por meio do açude de boqueirão, e a instalação da energia elétrica.

Em 1964, Otacílio Jurema passa a chefia da prefeitura municipal de Cajazeiras para Francisco Matias Rolim, conhecido como Chico Rolim, que permaneceu no cargo até 1969, quando passou o cargo para Eptácio Leite Rolim. Foi uma campanha muito acirrada, já que o candidato opositor Raimundo Ferreira, do MDB, recebeu apoio político de Otacílio Jurema.

Dr. Otacílio Jurema fez acordo político com Raimundo Ferreira para ter apoio futuro, caso o seu candidato fosse eleito prefeito, teria o apoio da máquina administrativa da prefeitura e o apoio econômico do mesmo. Este acordo era um processo natural porque ambos só teriam condições de se candidatarem pela legenda do MDB. (ROCHA, 2015, p. 98)

As eleições de 1972 ficaram marcadas na história de Cajazeiras pelo enfrentamento político ideológico entre os candidatos a prefeito. De um lado estava Bosco Barreto, filiado pelo MDB, caracterizado por ser um governo populista e por lutar contra a ditadura militar; do outro, Antônio Quirino, candidato da ARENA, professor e advogado, que assumiu a oposição após o afastamento por impugnação de Higino Pires Ferreira.

Durante seu governo, Antônio Quirino realizou obras importantes como a construção da primeira e única biblioteca municipal, chamada de Biblioteca Castro Pinto, assim como o calçamento de várias ruas, ampliação da Avenida Padre José Tomás e a Avenida Francisco Aprígio Nogueira, contribuindo para a modernização do centro urbano da cidade, (ROCHA, 2015, p. 105). Além disso, em convênio com o governo do estado, foram construídos órgãos públicos importantes, a saber: a Cagepa, a Saelpa, o Batalhão de Polícia Militar, a Delegacia, entre outros.

Mais um mandato se encerrara, dando início ao enfrentamento político entre Bosco Barreto e Chico Rolim, tendo como vitorioso o candidato da ARENA, Chico Rolim, do partido dos militares, que tinha muita força dentro da cidade. Já no ano de 1982, Bosco Barreto apoiou Eptácio Leite Rolim contra Vitoriano de Abreu, ambos do PDS, o sucesso nas urnas foi dado a Eptácio Leite Rolim. Na cidade, a relação dos dois sempre foi de grande enfrentamento político e ideológico, existia uma espécie de rixa partidária entre seus apoiadores.

O último mandato para prefeito de Eptácio Leite Rolim ocorreu de 1996 a 2000. Durante a sua vida política ele sempre mostrou seu lado humanista, gostava de fazer favores, principalmente ligados à sua profissão de médico, por isso ficou conhecido como "médico do povo", muito embora fosse o tipo político que fazia sua trajetória a partir de um lugar de poder e saber.

Como foi mencionado anteriormente, a hegemonia política da cidade de Cajazeiras tem sua história marcada pela forte presença da família Rolim, que, quando não ocupavam cargos para prefeito, apoiavam outras lideranças, e assim, na maioria das vezes, obtinha vitória. Situação essa que demonstra a permanência de valores tradicionais e de uma política de favores e benefícios, herança dos colonizadores. Apesar da chegada da modernidade a Cajazeiras, os valores e costumes tradicionais continuavam vivos, fazendo-se sentir seus resquícios nos tempos atuais.

2.2 OS DILEMAS SOCIAIS PROVOCADOS PELA CHEGADA DA MODERNIDADE

Os novos tempos provocaram grande choque entre o moderno e o conservador, uma vez que as novidades e o ritmo acelerado da cidade foram colocados em face dos valores conservadores. É possível perceber que dilemas

assim não atingiam apenas as famílias mais abastadas, mas também as pessoas comuns que começaram a ter contato com ambas às realidades.

Com tantas novidades, a cidade começava a adquirir preocupações naturais da cidade grande, além da própria organização urbana e do saneamento básico que ainda eram insuficientes. Segundo Silva Filho (1999), iniciou-se, também, uma preocupação com as questões sociais, como os vícios relacionados à bebida e aos jogos. Neste sentido, a igreja, que sempre teve uma grande influência nas questões políticas da cidade, exerceu o papel de orientar os chamados desvios de boa conduta.

Em meio as flores que brotavam no sertão, eis que uma desabrocha e sua beleza é destaque em meio a tantas que ali se faziam presentes. O que tem de tão belo nessa flor? Sua essência exalava pelas ruas, praças e lares, tomando rumos e grandes proporções na cidade de Cajazeiras-PB, no final dos anos de 1920 a flor é apresentada em jarro pomposo. (ARAÚJO, 2016, p. 17)

A flor apresentada pela autora já não era mais a flor do algodão, símbolo que todos já estavam familiarizados. A flor passa a adquirir outra representação, servindo de signo para a chegada da imprensa feminina à Cajazeiras. A revista Flor de Liz foi uma das primeiras revistas da cidade — outrora de orientação massivamente católica, foi fundada em 1926, por mulheres da elite cajazeirense, Araújo (2016). A temática abordada na revista enfatizava a moda, a religiosidade, as regras de boa conduta, higiene e cuidados com o lar.

A Flor de Liz era uma revista voltada para o ideário da família e dos bons costumes, entretanto, de todo modo, a revista serviu de lugar de fala para muitas mulheres cajazeirenses, sendo instrumento de resistência feminina, cenário de significativos debates sociais, nomeadamente a maternidade, o casamento, virgindade, além outros.

Raimunda vivenciava o medo e a fome, da miséria e do incerto, e porque também não dizer o desejo de partilhar valores que para ela, e nas condições em que vivenciava não poderia ser possível. Provavelmente uma menina que circulava nos espaços públicos de Cajazeiras, que não vivia sobre a vigilância da mãe e que não tinha quem a acompanhasse nas suas saídas, não poderia ser bem vista. (BERNARDO, 2016, p. 765)

Ainda na década de 1940, a virgindade era considerada um tabu, o trecho acima mostra-nos que não bastava manter e resguardar a virgindade para o

casamento era necessário ter uma boa conduta diante dos espaços sociais: uma “moça direita” não dava o que falar, não andava na “boca do povo”, menos ainda circulava desacompanhada nesses espaços. A realidade em torno da mulher e a diferença entre os sexos continuou a ser afetado com a chegada da modernidade, em Cajazeiras-PB, porque, muito provavelmente, o rápido crescimento urbano e a grande quantidade de novidades que chegava à cidade colocavam em risco a moral e os bons costumes, uma vez que eram vistas como fator de ameaça aos arquétipos da sociedade patriarcal que vigorava naquela época.

Dentro desse contexto, a imprensa paraibana tomava rumos interdisciplinares, pois ao tempo que discute questões em torno do moderno e as formas como o mesmo é vivenciado, também aponta os perigos para os comportamentos das mulheres. Ressaltamos que numa sociedade perpassada por interesses patriarcais, na qual o que não tivesse dentro dos modos almejados pela mesma seria considerado como errado, condenado e reprimido, Flor de Liz também traz discursos voltados para os modos de ser e viver; percebemos que ao mesmo tempo em que ela expressa gostos tenta implantar os seus desejos de civilidade. (ARAUJO, 2016, p. 24)

A modernidade provocou mudanças nas formas de ser e de estar, nos encadeamentos sociais da cidade de Cajazeiras-PB, como bem coloca Araújo (2016). Nesse sentido, a Flor de Liz tinha a função de “civilizar” e “orientar”, possibilitando assim manter o equilíbrio entre o novo e o velho, para que a modernidade não chegasse a interferir de maneira tão abrupta nas relações de boa conduta das mulheres e dos sujeitos da cidade.

A ideia de cidade sempre esteve ligada à memória, uma vez que está se constrói a partir das experiências vividas pelos sujeitos sociais. As vivências ficam fortemente marcadas na vida das pessoas, possibilitando que cada cidade possua suas próprias histórias, construídas a contar do imaginário coletivo dos habitantes. Na maioria das vezes, a historiografia busca estudar a história das cidades considerando-a enquanto corpo de narrativas, uma vez que elas oferecem maiores detalhes acerca das vivências dos povos e suas diferentes culturas.

Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nós reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrado pelos mais antigos, que os percorreram no passado. (PESAVENTO, 2008, p. 3)

Podemos dizer que a memória de uma cidade é parte de sua história, juntas elas dão vida aos acontecimentos, possibilitam a construção da identidade coletiva com base no pensamento e nas vivências de cada habitante. Segundo Pesavento, a cidade é grande produtora e detentora de história e memória. (PENSAVENTO, 2008). E por falar em memória, outra fonte de recordação, lembranças e histórias é o cinema.

O cinema foi outro marco da chegada do progresso na cidade de Cajazeiras, ainda durante as primeiras décadas do século XX, sendo ele uma opção não só de lazer e entretenimento, mas também como lugar de sociabilidade (Silva Neto, Ceballos, 2022, p. 376). O cinema era assim um lugar de encontro, de troca, de diversão, que se faz ainda muito presente na memória dos habitantes da cidade.

Os cinemas permitem desfrutar do outro, da companhia do outro, pois frequentá-los era geralmente uma atividade coletiva, mesmo que o indivíduo fosse até lá sozinho, havia a expectativa de encontros. [...] Nesse sentido, ir ao cinema significava estar disposto a se relacionar, a interagir com outras pessoas, sejam elas conhecidas ou não, pois naqueles ambientes as trocas sociais eram privilegiadas, uma vez que o cinema correspondia a um ambiente que congregava diversas pessoas. (SILVA NETO, CEBALLOS, 2022, P. 376)

Segundo os autores, as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pela forte presença do cinema na cidade de Cajazeiras. Dois cinemas da época ainda estavam em funcionamento, são estes: o Cine PAX e o Cine Apolo. Pensando neste contexto, Silva Neto e Ceballos (2022) mostra que ir ao cinema era também um processo de descobrimento do ambiente urbano, uma vez que permitia a relação entre diversas pessoas.

A novidade, que tanto alegrava a vida na cidade, nem sempre era experiência por todos os seus habitantes, para muitos o cinema era apenas um ambiente restrito aos ricos, frequentado pela elite cajazeirense. Com o passar do tempo, os preços e as normas para se frequentar o cinema foram adquirindo novos contornos, com isso o cinema ganha mais espectadores. Segundo Silva Neto (2021), foi durante as décadas de 1960 e 1970 que a prática de ir ao cinema atingiu maior popularidade.

Uma peculiaridade interessante sobre este cinema era a quantidade expressiva de filmes do gênero cinematográfico conhecido como pornochanchada exibido em suas sessões durante a década de 1980. Os filmes eróticos eram exibidos muito mais frequentemente do que qualquer outro gênero[...] (SILVA NETO, 2021, p. 33)

Silva refere-se ao Cine Éden como sendo um dos mais populares da cidade, tendo como característica marcante a exibição de filmes eróticos, que aguçavam a curiosidade dos telespectadores, estratégico para atrair um maior público e diversos. As narrativas feitas pelos autores nos mostram detalhes do imaginário social, denotando que um dos modelos mais exibidos era o seguimento de cunho sexual. Essas exposições, certamente, não estavam alinhadas aos valores da família tradicional, além de distantes do público infantil e das mocinhas ditas “recatadas”, mas sim destinados aos rapazes e molecotes da cidade, que, cheios de hormônios da mocidade, deixavam seus impulsos sexuais aflorarem livremente.

Os trabalhos aqui citados mostram-se relevantes para um melhor mapeamento da tecitura social do período em questão, a fim de pensar o surgimento de um dos primeiros cabarés da cidade, uma vez que o movimento de pessoas interessadas em filmes sexuais aponta, também, a existência de um público entusiasmado em descortinar seus anseios e fantasias. Assim, as boates ou as casas de prostituição, como é o caso da boate As Mangueiras, eram espaços que iam se construindo a partir da circulação coletiva. Era preciso um lugar de diversão à altura do público masculino, que se apresentava com forte poder econômico e político. Despontando, portanto, como importantes objetos para a pesquisa histórica.

A circulação de grandes comerciantes e latifundiários em Cajazeiras provocou mudanças profundas no fazer cotidiano. Nesse contexto, além do interesse no comércio, bens e serviços que a cidade ofertava as casas de prostituição também passaram a ser instrumentos de expressiva apreciação, além de sedimentação da cultura machista que preservava a moral das mulheres de casa, enquanto usam as das ruas — as prostitutas.

CPÍTULO III - LILIA DAS MANGUEIRAS: POR UMA HISTÓRIA DE AMOR E DE LUTAS.

Neste capítulo, buscaremos reconstituir parte da história de Maria de Jesus, popularmente conhecida como Lilia das Mangueira, proprietária de uma das mais famosas casas de prostituição de Cajazeiras-PB: As Mangueiras, que se manteve em funcionamento durante as últimas cinco décadas do século XX.

Trataremos, portanto, de entender os caminhos percorridos durante a sua mocidade até a abertura da boate As Mangueiras, tentando compreender o emaranhado de relações estabelecidas por Lilia e por sua rede de apoio, responsáveis pela consolidação do seu estabelecimento e por sua projeção pessoal na cidade. Por fim, será problematizado o projeto de decreto legislativo, apresentada na câmara municipal de Cajazeiras no de 1997, que tinha como objetivo dar à Lilia o título de cidadã Cajazeirense.

O interesse em torno do tema da prostituição possui certos liames nas memórias de minha infância, é fruto das longas conversas e causos que o meu pai, Francelino Gonçalves, costumava contar a alguns de seus amigos, debaixo de um pé de algodão, no quintal de nossa antiga casa. Enquanto jogava sueca com seus amigos, ele dividia os prazeres de sua mocidade, época em que frequentava diversos bares e bordéis da cidade de Cajazeiras-PB.

Embora tenha morado e trabalhado no campo por muito tempo, no qual meu pai tinha o costume de transitar nos espaços de compra, venda e troca de mercadorias da cidade. Tais lembranças passaram um bom tempo adormecido em mim, mas, semelhante ao movimento de um pêndulo, reacenderam quando me deparei com a disciplina de Introdução aos Estudos Históricos, onde tomei conhecimento que, para concluir o meu curso, eu precisaria produzir um trabalho final.

Após muito refletir a respeito, de buscar, muitas vezes sem sucesso, fontes que me possibilitassem construir alguma narrativa que fosse relevante para a historiografia brasileira, foram que me veio à mente um fomento advindo das conversas que eu, de relance, ouvia meu pai contar aos seus amigos da mocidade.

Cajazeiras sempre foi destaque, por ter uma boa dinâmica de mercado, sua posição privilegiada fazia dela um ambiente atraente não só para as pessoas interessadas em seu comércio, mas também pessoas atraídas pelo entretenimento.

Ao estudarmos o contexto da década de 60 e 70, onde a cidade adquiriu novas feições, e a modernidade começava a apresentar mudanças espaciais e no andamento da vida cotidiana. Como vimos no segundo capítulo, muitos trabalhadores locais e negociantes estrangeiros frequentavam tais lugares.

Não é novidade que Cajazeiras possuíram diversos cabarés, que chegaram a ficar famosos na região, a exemplo dos “Sete Candeeiros”, “Os sete Chalés”, o cabaré da estrada do Jatobá, e As Mangueiras, o famoso cabaré de Lilia como era conhecido e ainda é referenciado na história e na memória social e coletiva da cidade e de seu entorno. Essas casas de prostituição eram ambientes que atraíam o público masculino não só de Cajazeiras, mas das cidades circunvizinhas. Eram lugares alegres, que conseguiam manter uma relação de confiança para com seus clientes, pois muitos deles passavam todos os dias nesses ambientes, e ali ficavam para tomar cerveja e relaxar.

Ao que tange o estilo de vida de Lilia nas Mangueiras, é possível fazer um pequeno paralelo com as representações vistas no campo da literatura e da ficção novelística, ambientes de diversão e prazer, a exemplo do Bataclan e a famosa Maria Machado — presentes e imortalizados nos escritos marcantes de Jorge Amado.

Figura 1. Imagem do quarto de Maria Machado no Bataclan.



Fonte: Editoria Férias Brasil.

O Bataclan, eternizado na obra *Gabriela Cravo e Canela*, foi um dos mais famosos cabarés do país, que funcionou entre 1920 a 1950, em Ilhéus. Comandado e sustentado pelos grandes coronéis do período cacauero. Disfarçado de armazém,

ele servia de ponto de encontro para os grandes comerciantes boêmios da região, que apreciavam as belas prostitutas estrangeiras. O lugar hoje abriga um restaurante e um pequeno museu, que ainda muito encanta com seu clima nostálgico de requinte e sedução.

Dentre as casas de prostituição que funcionavam na cidade de Cajazeiras-PB, As Mangueiras ganhou muita notoriedade, até mesmo na esfera nacional, como veremos a seguir. Buscaremos discorrer a respeito da trajetória de vida de Lilia das Mangueiras, na cidade de Cajazeiras-PB, durante os anos de 1960 a 2012, por meio dos depoimentos das pessoas que conheceram, conviveram, ou que, de alguma forma, tiveram algum tipo de aproximação com a história dela.

Utilizamos de fontes orais como método de pesquisa, fazendo uso das narrativas obtidas a partir de um gravador, o que possibilitou uma riqueza de detalhes pouco encontrada nos livros e jornais da época, além da recuperação de acontecimentos que antes não eram contados e viabilizar uma maior afinidade com as vivências e experiências pessoais e coletivas.

Mas acreditamos que a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade – e a da história oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. (ALBERTI, 2013, p. 30-31)

Ainda segundo a autora, não é possível pensar em história oral desprezando a importância das biografias, sendo relevantes para a história todos os relatos de experiências pelos sujeitos. Embora cada pessoa conte sua versão a datar de seu lugar social, cada narração nos apresenta detalhes de vivências importantes e diferentes de cada época, e assim, através das peculiaridades e trajetórias de cada entrevistado, dá-se a conhecer o contexto social de uma determinada época.

Este estudo final de curso usou como método-fonte a História Oral, uma vez que esta possibilita aos indivíduos recordarem acontecimentos antes esquecidos, ou pouco lembrados. Neste sentido, as entrevistas de história oral dão-nos elementos imprescindíveis para a condução de uma pesquisa qualitativa, usadas como fontes para o entendimento do passado, que têm como objetivo privilegiar a memória.

As entrevistas foram realizadas com um grupo de quatro pessoas, que forneceram informações necessárias para que fosse possível reconstituir parte da história de Lília a partir de seu lugar social. As narrativas ajudaram a compreender um pouco do imaginário da social época, a personalidade de Maria de Jesus, o funcionamento da boate e as vivências ali possibilitadas — desde de o momento em que chegou a Cajazeiras, abordando o processo de abertura do local, até o momento de venda do ambiente e da morte de Lília.

Por meio de um gravador, os depoentes iam contando suas histórias, imagens ou situações do seu conhecimento, gerando informações valiosas sobre o nosso objeto de estudo. Algumas das entrevistas foram realizadas em formato remoto, devido às restrições colocadas pela pandemia do COVID-19, já que foram produzidas entre os meses de julho de 2021 e abril de 2022. Além disso, foi utilizado um roteiro com perguntas e respostas, que serviu para nortear as entrevistas.

A primeira entrevista foi realizada com Mayara Pinheiro Braga de Souza, cuidadora e responsável por Maria de Jesus, com quem esta, vivenciou os últimos anos de sua vida. Mayara mostrou-se ser uma pessoa muito simples e carismática, e teve boa vontade em fornecer as informações aqui expostas. A entrevista ocorreu no dia em 14 de julho de 2021, pelo formato remoto, com duração de 1 hora, 3 minutos e 43 segundos. Os dados fornecidos por ela vão desde de a infância à morte de Lília, gerando uma riqueza de detalhes que muito contribuiu com esta pesquisa.

O segundo entrevistado foi Pe. Francivaldo do Nascimento Albuquerque, representante paroquial da igreja São João Bosco. Ele a conheceu na época em que Lília morava em frente à igreja. A entrevista foi realizada também no formato remoto, no dia 30 de agosto de 2021, com duração de 14 minutos e 30 segundos.

As informações fornecidas por ele representam um pouco mais sobre a personalidade de Maria das Mangueiras, e a relação que esta tinha com a comunidade, além de apontamentos acerca de suas questões religiosas. Na época em que ansiaram dar à Lília das Mangueiras o título de cidadã cajazeirense, década de 90, o Pe. Francivaldo posicionou-se contrário a concessão do título a ela.

A terceira entrevistada foi a professora Mariana Moreira Neto, membro da comunidade acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP). A entrevista ocorreu no dia 21 de outubro 2021, com duração de 42 minutos e 15 segundos. Mariana Moreira foi peça-chave para que pudéssemos entender a proposta de concessão do

título pela Câmara Municipal de Cajazeiras, em 1997, uma vez que ela, enquanto membro do Partido dos Trabalhadores (PT), teria se posicionado contra a concessão, indo contra o posicionamento dos seus colegas de partido, responsáveis pela proposta.

O nosso quarto e último entrevistado foi Severino Felix da Silva. Homem humilde e prestativo, Severino falou com imenso saudosismo das lembranças, não escondendo a gratidão devido a tudo que Lilia fez por ele. Amigo íntimo de Lilia e garçom por mais de 20 anos da referida boate, Severino era considerado o braço direito de Lilia, uma espécie de “faz tudo”. Atualmente Severino trabalha fazendo faxina para se manter, levando uma vida digna e habitual.

A entrevista foi realizada presencialmente, no dia 1 de abril de 2022, com duração de 28 minutos e 30 segundos. Severino fez questão de que a entrevista fosse produzida olho a olho, presencialmente. Muito gentil e atencioso, recebeu-me em sua casa, e forneceu informações acerca do cotidiano das Mangueiras e sobre certas especificidades da vida íntima de Lilia, abordou momentos marcantes que viveu junto dela, assim como detalhes sobre o fim da boate. Além da entrevista, Severino forneceu um arsenal de fotografias que ele guarda, imagens essas da época em que trabalhou nas Mangueiras.

A realização das entrevistas viabilizou uma boa compreensão do nosso objeto de estudo, proporcionando informações privilegiadas sobre a configuração do espaço urbano e das dinâmicas sociais da época. As narrativas permitiram ainda uma melhor consciência a respeito do imaginário coletivo dos habitantes da cidade, possibilitando entendimento sobre a natureza da sociedade cajazeirense durante os anos de 1960 a 2012.

3. 1 A PROSTITUTA É, ANTES DE TUDO, UM SER DOTADO DE SOCIABILIDADES

Maria de Jesus, Lilia das mangueiras como era conhecida, nasceu no dia 20 de dezembro de 1938, filha de Maria Camila Gonçalves Pereira e José Gonçalves. Sua família era composta por mais dez irmãos, naturais do sítio Cacaré, município de São José de Piranhas-PB. Maria de Jesus teve três filhos: Maria Edileuza Gonçalves, Egberto Gonçalves e Francisco Evandro Gonçalves, filho adotivo, e cinco netos.

A vinda de Lilia para Cajazeiras, com apenas 15 anos de idade, deu-se porque ela havia sido abusada sexualmente por um homem casado. Nesse tempo Lilia morava no Sitio Cacaré - São José de Piranhas - PB. Certa de que a história logo ganharia proporção maior, resolveu fugir de casa, indo morar na casa de uma conhecida da família. Porém, a senhora que lhe concedeu acolhimento não a aceitou por muito tempo. Sem saída, começou a frequentar a Palha – A palha era como se chamava a Aza Sul, hoje bairro São Francisco. Severino, seu amigo íntimo, relata que, mesmo tendo fugido de casa, ela nutria imenso carinho pelo seu pai, e por isso teria trazido e sustentado toda a sua família em Cajazeiras, com o dinheiro que ganhara se prostituindo.

[...] Ela disse que era muito nova, bonita e começou ganhando muito dinheiro, arrumou uns coroaos bom pra ela, aí ela disse que colocou na cabeça que ia colocar um barzinho pra ela, pra ver se ajudava à família, até que o pai dela veio de lá com os dez filhos, e ela sustentou esses irmãos tudinho até todo mundo casar. (Entrevista concedida por Severino)

O trecho acima mostra ainda a boa relação que a dona das Mangueiras tinha com a sua família. Sustentou todos os irmãos, inclusive sua irmã Francisca Gonçalves, Chica, como era conhecida. Chica, além de morar com ela, era quem gerenciava a boate e o motel, de forma que Lilia ficava responsável pelas questões externas como fazer compras no supermercado, ir ao banco, pagar contas, entre outras funções.

No barzinho, localizado às margens da estrada do Jatobá, onde ela começou antes mesmo de construir a boate Mangueiras, ela vendia, inicialmente, cachaça e piaba. Nesse bar começou a chegar algumas mulheres do ramo da prostituição, posto que a localidade já era frequentada por muitas mulheres prostitutas. Vendo a possibilidade de negócio, Lilia logo cedeu espaço para que as moças pudessem realizar atividades relacionadas à prostituição em seu estabelecimento, já que ela mesma também desempenhava esse papel.

Pouco tempo depois, a clientela começou a aumentar, e foi aí que ela se viu diante da necessidade de comprar um terreno localizado nas margens da BR-230, antes conhecido como sítio Capoeira Sul, onde foi construído, primeiramente, sua casa de morada e, ao lado, uma boate. Depois também ela construiu o Motel Dallas e uma churrascaria.

[...] Aí ela foi... construindo, ganhando dinheiro, e ela disse que, na época, era muito movimentado e ela foi cobrindo de telha... E ela fez um motelzinho vizinho. Porque lá tinha a boate e, vizinho, um motelzinho. Lá era tudo organizado. Ela era muito organizada. (Entrevista concedida por Severino)

O nome “As Mangueiras” foi criado em alusão as diversas mangueiras que havia no local. Nas sombras das mangueiras Lilia construiu seu empreendimento comercial e não só sustentou sua família como também teria adquirido muitos imóveis, dentre eles um apartamento na capital João Pessoa, na Valentino Figueiredo, e carros de luxo da época, como, por exemplo, um Opala. Na época, o valor do carro custava entre 25.563.162 e 48.251.842, quantia bastante considerável, visto que pouquíssimas pessoas da cidade conseguiam comprar um carro de tamanho destaque social.

Figura 2. Lilia na boate as Mangueiras.



Fonte: Resenha Politika.

A imagem acima nos entrega informações bastante valiosas. Observamos que a sua vestimenta era muito elegante, provavelmente um conjunto de saia e blazer de linho, tecido esse muito utilizado pelas damas da cidade, das famílias mais abastadas. Como podemos ver, por meio dos relatos e das imagens aqui publicadas, Lilia das Mangueiras foi uma mulher que gostava de vestir-se muito bem. Aparece sempre usando roupas de brilho, joias como brincos, colares e argolas que realçavam ainda mais a sua beleza e personalidade forte. Ela

certamente marcou o imaginário dos homens boêmios da cidade. Representa ter sido uma mulher muito perfumada e que gostava de exibir suas posses e de transitar nos lugares mais badalados da cidade de Cajazeiras.

A boate Manguieras foi construída em 1960, época em que cidade de Cajazeiras se desenvolveu nos setores ligados ao lazer e entretenimento, a exemplo do cinema e abertura de clubes sociais. Ao contrário desses empreendimentos, que eram frequentados apenas pela elite Cajazeirense, como é o caso do Tênis Clube e do Clube 1° de Maio, que oferecia bailes e festas privadas, As Manguieras era um lugar liberal, frequentado por todo tipo de gente, tido como lugar para ir depois do clube, ambiente que não era voltado para a família, mas sim a vida boêmia de muitos homens da região, que ali estabeleciam relações diversas e deixavam parte de seus recursos.

Apesar de carregar o peso da palavra prostituta, Lilia das Manguieras era uma mulher muito organizada, principalmente se tratando de seus negócios. Existia uma rotina com regras e divisão de tarefas que deveriam ser cumpridas todos os dias. Lília tinha talento para gerir negócios, tanto que seu estabelecimento, dentre todos os outros que funcionavam na cidade, era o mais bem frequentado.

[...] Ela falava que tinha o clube 1° de Maio, que era muito frequentado aqui e o Tênis Clube, e disse que, quando essas pessoas vinham... Nelson Gonçalves, essas pessoas da idade dela, mais antigo, falava que quando terminava o show nesses locais partia pra lá, porque os boçais, os homens de bem, levavam pra lá. (Entrevista concedida por Mayara)

Na década de 1970, as casas noturnas ainda eram novidade na cidade, tais lugares chegaram a fazer parte do calendário cultural de Cajazeiras. Mesmo sendo voltado para um público específico, que é o masculino, a boate também era frequentada por casais, que se utilizavam do espaço apenas como ambiente para beber, dançar e ouvir música.

Além disso, a procura do local por parte de grupos de amigos e homens de negócios que residiam e visitavam a cidade nos indicam que lá também era usado como ambiente de sociabilidade, uma vez que os assuntos relacionados ao cotidiano da cidade e ligados ao comércio local eram amplamente comentados nesses espaços. A presença de políticos, comerciantes e jornalistas nas Manguieras era comum, tanto é que um dos amores da vida dela foi o Jornalista J. Gomes, que morreu vítima de acidente de carro, na companhia de sua noiva.

Lilia teve um relacionamento duradouro também com um homem conhecido pelo nome de José Calheiros, apontado como suposto pai do seu filho Egberto. Além desses dois envolvimento, ela parece ter nutridos, segundo relatado por alguns dos entrevistados, um relacionamento homoafetivo. A respeito desse possível terceiro relacionamento, é importante ressaltar que ela jamais falou dele publicamente, assim como não foi noticiado em nenhum veículo da imprensa cajazeirense.

Maria de Jesus (Lilia) assim como qualquer mulher da época obteve a experiência do casamento, da união matrimonial, evidentemente que não seguiu um modelo de família nuclear posto pela sociedade, mas no sentido de vivência de uma experiência amorosa e duradora com algumas pessoas, como ela mesmo falava: - “Eu tive tudo que uma mulher casada teve e tive mais porque eu fui feliz, pois muitas não foram e muitas não são. Eu vivi intensamente, porque eu fui feliz. ”

3.2 COTIDIANO DA BOATE AS MANGUEIRAS NOS ANOS DE 1960 A 2000: TEMPOS DE FAMA E GLAMOUR

Como uma boa gestora, Lilia era quem comandava e dava as regras no seu estabelecimento. As mulheres exerciam a prostituição sob um conjunto de regras de pontualidade. Tinham horários para acordar, comer, descansar e trabalhar. Existia uma pessoa responsável pela gerência da boate e do motel, uma pessoa para a limpeza, uma cozinheira, um ou dois garçons responsáveis pelo atendimento no salão. Era o espaço também de geração de lucro, uma vez que a venda de bebidas e petiscos também eram realizadas no local.

Segundo os relatos dos entrevistados que vivenciaram de perto o cotidiano nas Mangueiras, havia horário para tudo. Às 10:00 horas do dia, o café da manhã era posto à mesa, mas quase ninguém se alimentava nesse horário; às 11:00 horas era servido o almoço; às 13:00h, já era para todo mundo está arrumado — de banho tomado, com trajes adequados para recepcionar os clientes. Às 17:00 horas, o jantar já estava pronto.

Quem queria comer, comia. Quem não estivesse à mesa, ou mesmo nos quartos com os clientes, alimentava-se mais tarde, ou, às vezes, nem se alimentava. Havia horário de início dos trabalhos das mulheres. Entretanto o horário de terminar era muito incerto, às vezes 02:00 horas, outras 03:00h da madrugada.

A quantidade de meninas que moravam na boate dependia muito de cada período. Tinha época que menos, outras mais; mas sempre na faixa de 30-35, nos decursos de cheia. Elas vinham das regiões vizinhas, Ceara Rio Grande do Norte, Pernambuco, dentre outras.

[...] Tinha semana que chegava muitas mulheres lá, era do Icó, mas era uma parte do Ceará, do Rio Grande do Norte, tinha mulher de todos os lugares. Aí chegava àquela que gostava, ficava mais uns dias, muitas vinham mais no final de semana: sexta e sábado, e, na segunda, já ia embora. (Entrevista concedida por Severino)

Segundo Severino, quase todas as mulheres das Mangueiras tinham filhos, e vinham trabalhar para juntar dinheiro, e mandar para suas famílias. Muitas sustentavam toda a família com o dinheiro da prostituição. Quando chegavam ao bordel, só iam embora depois que conseguiam reunir uma boa quantia em dinheiro. Algumas chegaram a ter seus filhos por lá, já que, depois da morte do filho mais novo, vítima de um choque elétrico, Lilia começou a proibir que as mulheres abortassem seus filhos. Evandro, seu filho adotivo, é filho de uma das meninas que trabalhou na boate. Lilia cuidou do menino dela, e não deixou que a mãe o abortasse.

Diversas mulheres chegavam desamparadas nas Mangueiras, muitas tinham perdido a virgindade e sido expulsas de casa, pois naquela época, meados das décadas de 60, 70, 80 e 90, para uma moça solteira perder a virgindade era motivo de vergonha para toda a família. Existia assim uma relação de companheirismo, mas também uma relação de trabalho, uma vez que, chegando nas Mangueiras, elas tinham obrigações a cumprir. Desse modo, apesar de construir uma relação de confiança com as mulheres da boate, era uma ligação a contar de seu lugar de mando e poder, enquanto líder e chefe do local.

O estilo de vida de Lilia e das garotas que chegavam ao bordel testifica e espelha, de algum modo, a mentalidade daquela sociedade, revelando a negatividade a qual era associada a imagem da mulher prostituta, o que dificulta não só que a prostituição seja regulamentada conforme as leis trabalhistas, mas impedindo também que elas possam lutar pelos seus direitos. À meretriz sempre foi concedido o papel de destruidora do lar e dos bons costumes, como se ela colocasse em risco toda a sociedade. Sobre a atividade de remuneração do sexo na prostituição, Engel (2004) elucida:

Assim considerada uma atividade remunerada ilegítima, é inserida na categoria de desordem social que, compreendendo desde a noção de delito até a noção de crime, classifica a prostituta entre os tipos considerados socialmente doentes, tais como o mendigo, o vagabundo, o vadio, o capoeiro, o jogador, o bêbado, o ratoneiro, o estelionatário, o ladrão, o malfeitor e o criminoso. (ENGEL, 2004, p. 94)

O cabaré de Lilia, apesar de ser um ambiente frequentado por homens da elite cajazeirense, era também um ambiente que vivia sob a constante vigilância dos órgãos de poder. A partir de 1980, em decorrência da epidemia de AIDS, o bordel passou a receber visitas periódicas por parte de médicos e da equipe sanitária da cidade, como é relatado neste trecho da fala de Mariana Moreira:

[...] O primeiro contato que eu tive com ela foi na década de 80, quando estava se revelando a epidemia de Aids em todo o planeta e a secretaria de saúde do estado estava iniciando as ações com àqueles que eram considerados público de risco, que eram os homossexuais e as prostitutas, que eram considerados transmissores do vírus. E foram fazer uma atividade nas Mangueiras, que era o bordel de Lilia, e eu fui designada para fazer a cobertura jornalística. (Entrevista concedida por Mariana Moreira)

É importante pontuar a construção da imagem de Lilia associada a uma mulher de bom coração, vista como alguém generosa e acolhedora. No entanto, sendo Lilia a gerenciadora de seus próprios negócios, ela não concedia morada para essas garotas apenas por não terem onde ficar, mas sim por enxergar nelas uma oportunidade de expansão de seu capital.

Os relatos mostram que ela, enquanto mulher vivida e experiente no mundo da prostituição, não aliciava garotas a entrarem na prostituição, o que talvez a diferencie do papel de uma legítima cafetina, mas dava oportunidade de entrada às mulheres que chegavam a sua porta, vendo nessa aproximação uma oportunidade de retorno financeiro.

[...] A Lilia era uma pessoa humana, que chorava, que tinha afetos, mas isso implica... que por mais que ela gostasse individualmente das meninas, ela tinha que dizer que: “chegou a hora, quero todas bonitinhas, cheirosinhas e vamos para o salão receber nossos clientes”, e ai de quem dissesse “eu não quero transar com alguém que eu não tenho nenhuma afinidade”...Mas então, querida, aqui você é minha funcionária, você vai ter que ir para o salão, agradar os clientes, levá-los para os quartos e, depois, trazer a graninha para mim”. (Entrevista concedida por Mariana Moreira)

Como bem coloca Mariana Moreira, Lilia parece ter sido uma mulher afetuosa e preocupada com o bem-estar das prostitutas. Embora não fossem forçadas a saírem com os homens, ou impedidas de tirarem alguns dias de descanso, não tinham nenhum tipo de remuneração ou direito trabalhista. Além disso, elas ainda eram, muitas vezes, excluídas de certos ambientes sociais, assim como Lilia, pois, mesmo esta sendo uma mulher abastada e que conseguia circular em muitos setores da sociedade, ela não era bem aceita em ambientes frequentados pelas famílias tradicionais da cidade.

Lilia era, sem dúvidas, uma mulher que possuía muito dinheiro, talvez uma das mais ricas de Cajazeiras, durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. Foi uma mulher determinada e audaciosa, não se sentia envergonhada de ser prostituta. Autêntica e carismática, possuía amizades influentes na cidade, sendo esse um dos principais motivos que gerou a tentativa de entregar a ela o título de cidadã cajazeirense.

3.3 UM TITULO EM QUESTAO: "A MULHER QUE ENSINOU CAJAZEIRAS AMAR"

No ano de 1997, o vereador Severino Dantas, do Partido dos Trabalhadores (PT), apoiado pelo candidato a deputado estadual Jeová Vieira Campos, ambos do mesmo partido, levou à câmara municipal de Cajazeiras uma proposta de requerimento que propunha entregar a Maria de Jesus o título de cidadã cajazeirense. No entanto, o que deveria ser uma singela homenagem virou notícia até mesmo em escala nacional. Todas as rádios da região começaram a debater o tema, houve pesquisa nas ruas com os cidadãos cajazeirenses, e ela chegou a ser notícia no programa Fantástico do da Rede Globo, virando matéria jornalística da cidade.

Figura 3. Proposta de Requerimento.

ESTADO DA PARAÍBA
Câmara Municipal de Cajazeiras
 (Casa Otacilio Jurema)

*Recebido em
10-11-97
Prop.*

DECRETO LEGISLATIVO Nº 197

Rejeitado em 10.11.97

CONCEDE o título de cidadã cajazeirense a Senhora Maria de Jesus (LILIA), e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE CAJAZEIRAS DO ESTADO DA PARAÍBA, por suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º - Fica concedido Título de Cidadã Cajazeirense a Senhora Maria de Jesus.

Art. 2º - A entrega do referido Título será feita em sessão solene deste Poder Legislativo.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Cajazeiras, em 10 de novembro de 1997.

Severino Dantas Fernandes
 Severino Dantas Fernandes
 Vereador

Praca Ana de Albuquerque, S/N - Fone (083) 531-1752 - CGC 08.841.553/0001-89
 CEP 58.900-000 - Cajazeiras - Paraíba

Fonte: Câmara Municipal de Cajazeiras/PB - Casa Otacílio Jurema.

Figura 4. Proposta de Requerimento.

ESTADO DA PARAÍBA
Câmara Municipal de Cajazeiras
(Casa Otacílio Jurema)

" MARIA DE JESUS, se-
 guidora de Jesus, irmã
 de Maria Madalena"

JUSTIFICATIVA

Esta propositura tem como objetivo, em primeiro lugar, resgatar o segmento da sociedade que sempre foi discriminado, humilhado e excluído do processo social.

A propositura de título de cidadania a Senhora Maria de Jesus, ao contrário de muitas proposições anteriores, foi previamente e amplamente discutido com a sociedade Cajazeirense e sertaneja.

Vale destacar que numerosos títulos de cidadania foram concedidos por este Poder sem que os agraciados fossem merecedores da honraria. Apesar dos critérios estabelecidos para concessão de título não se deixou de concedê-los a fraudadores, à pessoas que prejudicaram a comunidade e até por ato bajulatório.

A presente propositura já surte os seus efeitos quando precipitou o debate, por que não, uma reflexão social acerca da exploração das mulheres, notadamente, a questão da prostituição.

E evidente que importantes segmentos sociais já entraram no debate da temática, uns analisando sociologicamente o problema e outros expondo os seus preconceitos

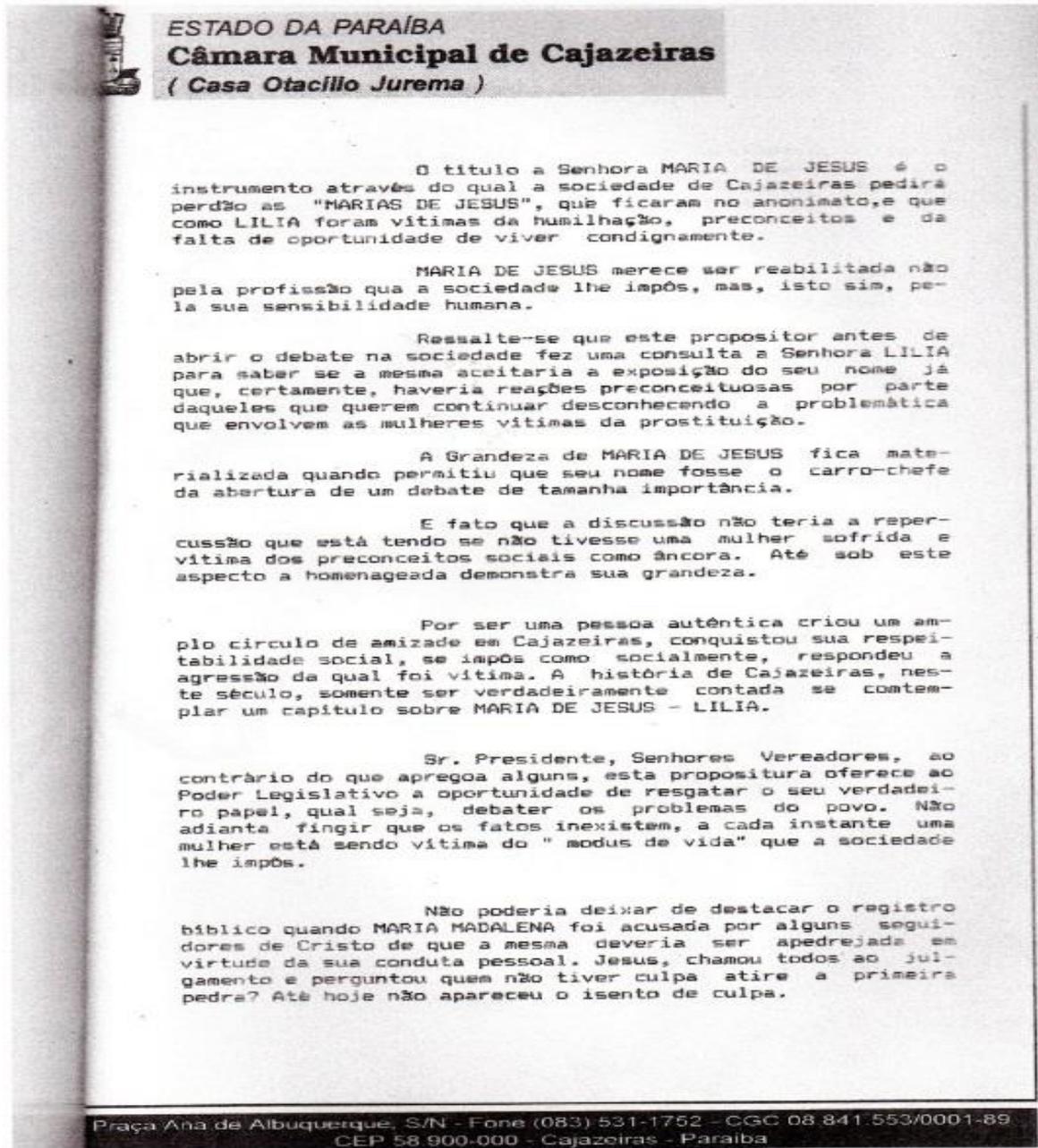
A nossa propositura objetiva fundamentalmente provocar à sociedade e este Poder Legislativo com a seguinte questão: Como nos preparar para enfrentar a emergente questão da prostituição infanto-juvenil? A nossa sociedade Cajazeirense continuará silente diante de tão grave problema?

No limiar do Século XXI, não se pode admitir o silêncio como resposta a questão de tamanha relevância.

Praça Ana de Albuquerque, S/N - Fone (083) 531-1752 - CGC 08.841.553/0001-89
 CEP 58.900-000 - Cajazeiras - Paraíba

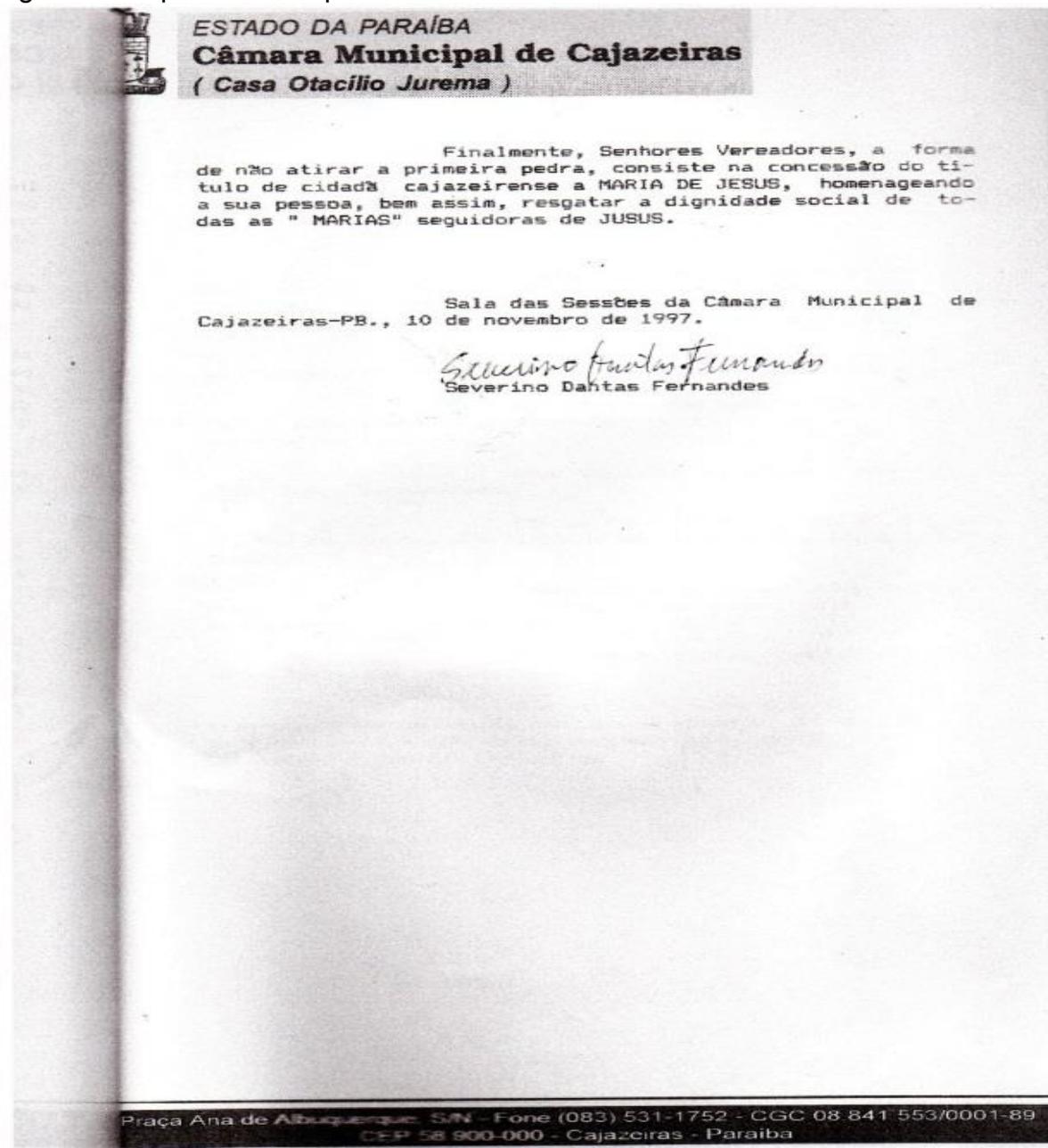
Fonte: Câmara Municipal de Cajazeiras/PB - Casa Otacílio Jurema.

Figura 5. Proposta de Requerimento.



Fonte: Câmara Municipal de Cajazeiras/PB - Casa Otacílio Jurema.

Figura 6. Proposta de Requerimento.



ESTADO DA PARAÍBA
Câmara Municipal de Cajazeiras
(Casa Otacílio Jurema)

Finalmente, Senhores Vereadores, a forma de não atirar a primeira pedra, consiste na concessão do título de cidadã cajazeirense a MARIA DE JESUS, homenageando a sua pessoa, bem assim, resgatar a dignidade social de todas as " MARIAS" seguidoras de JESUS.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Cajazeiras-PB., 10 de novembro de 1997.

Severino Dantas Fernandes
Severino Dantas Fernandes

Praça Ana de Albuquerque, S/N - Fone (083) 531-1752 - CGC 08.841.553/0001-89
CEP 58.900-000 - Cajazeiras - Paraíba

Fonte: Câmara Municipal de Cajazeiras/PB - Casa Otacílio Jurema.

Figura 7. Proposta de Requerimento.

 **ESTADO DA PARAÍBA**
Câmara Municipal de Cajazeiras
(Casa Otacilio Jurema)

CURRICULUM VITAE

MARIA DE JESUS, nasceu no sítio Cararé, município de São José de Piranhas-PB. Aos 17 anos ficou grávida do seu namorado e fugiu de casa com medo da repercussão dentro da família, vindo morar em Cajazeiras.

Sem alternativas, se viu obrigada a se dedicar a " mais antigas das profissões" para sobreviver.

Aos 20 (vinte) anos de idade instalou sua primeira casa de diversão noturna. Funda as " MANGUEIRAS" em 1972.

Como católica fervorosa frequenta a missa todos os domingos.

Mãe de dois filhos, sendo um adotivo, tem duas netas e é filha de uma família humilde e trabalhadora.

Trabalhou para educar todos os seus irmãos, conseguindo, inclusive, um dos seus irmãos é diretor de um colégio em Recife-PE.

No anonimato tem contribuído com obras sociais nesta cidade.

Por ser uma pessoa simples e autêntica construiu um amplo círculo de amizade, sendo respeitada e considerada por várias personalidades do município de Cajazeiras e Região.

MARIA DE JESUS

Praca Ana de Albuquerque, S/N - Fone (083) 531-1752 - CGC 08.841.553/0001-89
 CEP 58.900-000 - Cajazeiras - Paraíba

Fonte: Câmara Municipal de Cajazeiras/PB - Casa Otacílio Jurema.

O documento acima se trata da proposta de requerimento recebida pela Câmara Municipal de Cajazeiras, Casa Otacílio Jurema, no dia 10 de novembro de 1997. A proposta fora rejeitada no mesmo dia. O documento contém cinco páginas. Na primeira, contém o decreto legislativo; as três páginas seguintes são as justificativas apresentadas pelo requerente, Severino Dantas, e a última é o Currículo Vitae de Maria de Jesus (Lília). O requerimento de concessão do título de cidadania à Lília é um dos que engloba maior número de páginas, contendo 16 pontos de justificativa.

Durante a pesquisa e análise da referida documentação, constatamos que ele foi a única proposta de requerimento apresentada por Severino Dantas que fora reprovada pela câmara. Todos os outros requerimentos para concessão de título de cidadania, em sua maioria para professores e pessoas que atuaram no âmbito policial, possuíam o carimbo de aprovação, menos o de Maria de Jesus. O referido termo foi escrito à mão, e reprovado em 10 de novembro de 1997.

Severino Dantas Fernandes, natural da cidade de São João do Rio do Peixe-PB, socialista e humanista, iniciou sua história política na cidade de Cajazeiras. Tornou-se um dos nomes mais importantes do Partido Progressista (PP) e do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo um dos fundadores do PT. Severino ficou conhecido nacionalmente por lutar contra a ditadura militar no Brasil e por lutar pela redemocratização do país. Severino exerceu o mandato de vereador em Cajazeiras entre os anos de 1997 a 2012.

A propositura do título de cidadã cajazeirense foi noticiada em um dos jornais mais populares da época, o Jornal Estado de São Paulo. A matéria ainda se encontra disponível no site do Acervo Estadão, na edição de 11 de novembro de 1997, página 5, espaço dedicado às notícias de cunho político. A notícia foi anunciada da seguinte forma:

Figura 8. Matéria publica no Jornal Estadão.



Fonte: Acervo Estadão.

Na matéria publicada, o vereador argumenta que o desejo de criação surgiu porque eles queriam homenagear "uma mulher que dedicou sua vida à cidade e contribuiu para animar a vida noturna local", segundo ele "Lilia é uma mulher generosa e vítima de preconceito", por fim, ele a descreve como uma "profissional do sexo".

Já durante a entrevista exibida pelo Fantástico, disponível no *YouTube*, com o seguinte título: "Lilia das Mangueiras de Cajazeiras PB no Fantástico", ela aparece muito feliz e lisonjeada com a possível homenagem, ao mesmo tempo em que os poderes da ala conservadora, como padres, políticos, mulheres chefe de família, entre outros, identificados como defensores de ideais e valores de padrões de moral e disciplina, tais como a imagem da família, os bons modos, os valores religiosos e éticos, tão almejados pela sociedade conservadora e patriarcal, que buscaram convencer os cidadãos cajazeirenses a votarem contra, pois viam toda a situação como um disparate, algo que abalaria os princípios da ordem e o cidadão de bem. Argumentavam que não havia motivos plausíveis para que fosse entregue tamanha honraria a uma mulher que dedicou sua vida à prostituição.

A grande questão que se colocava na época era entender de que forma Lilia teria contribuído para a cidade de Cajazeiras. Em meio a tantas mulheres de família, por que, então, prestigiar justamente àquela que seria destruidora da imagem da família? Ou ainda, entender por que, dentre outras prostitutas da cidade, só Lilia estaria recebendo tal homenagem. Era diante de tais questionamentos que ela se

encontrava. Segundo o Pe. Francivaldo, que se posicionou contra a concessão, faltou uma melhor problematização e elaboração do projeto.

[...] É porque não foi trabalhado na época muito bem o projeto de aprovação do título, porque ela era historicamente conhecida na cidade, até pelo ambiente que ela trabalhava, e aí alguns seguimentos culturais da cidade disseram que precisaria do título na câmara. Só que muitas vezes o título vai fornecer um padrão, como na prática Lilia era moral e ilícita, não dava condições objetivas para que a gente fosse favorável ao título. (Entrevista concedida pelo Pe. Francivaldo)

Diante dessa fala, é possível perceber que o padre se expressa a partir do seu lugar social, de sua condição enquanto líder religioso, não descartando que houve também uma tomada de posicionamento político, já que Pe. Francivaldo sempre foi, e é até hoje, um homem muito envolvido nas questões políticas da cidade, tanto que fora procurado por vários jornais da época.

Ainda segundo o sacerdote, a proposta tinha sido colocada em um momento político delicado, onde alguns políticos da cidade teriam usado a proposta para se autopromoverem. Além disso, ele argumenta que a ideia do título teria muito mais atrapalhado do que mesmo ajudado, já que tudo acabou gerando uma espécie de divisão na cidade, sendo colocado em um momento “infeliz” e “impróprio”. Apesar de se posicionar contra o título, ele pontua que a boate marcou muito o imaginário cultural da cidade.

[...] E lá era um lugar cultural, as referências do seu estabelecimento marcaram muito a cidade, o caráter atrativo dela, ela era uma mulher bonita, ela tinha a química com o trabalho noturno, não só um bom relacionamento com a sociedade. (Entrevista concedida pelo Pe. Francivaldo)

Já Mariana Moreira, que era filiada ao mesmo partido de Severino Dantas, o Partido dos Trabalhadores (PT), também aparece como sendo uma das pessoas que se posicionou contra o requerimento. Mariana questionou a forma como era colocada o sentido de cidadania, no âmbito da concessão, assim como defendia que Lilia estava sendo usada como manobra política para alguns candidatos, assim como colocou Pe. Francivaldo.

[...] A primeira questão que eu colocava era o slogan de “a mulher que ensinou Cajazeiras a amar”, aí eu questionava: como isso é amor? O que é o amor nessa compreensão? Porque Lilia não era amada por Cajazeiras, ao contrário, ela não participava, por exemplo, das festas de 15 anos das filhas

das famílias de Cajazeiras, ela não era convidada pra festas, para os bailes no Cajazeiras Tênis Clube, o clube da cidade naquele momento. Como ela ensinou Cajazeiras a amar? Que amor era esse? (Entrevista concedida por Mariana Moreira)

A polêmica em torno do título de cidadã trouxe à tona a moral conservadora e o lugar de fala de seus defensores. Todavia, o embate entre as duas realidades, a partir da proposta de requerimento levada à câmara, serviu como palco de debates e lutas sobre as questões sociais e políticas que envolve a prostituição.

A partir da fala de Mariana Moreira é possível compreender, primeiramente, o lugar social em que Lilia estava inserida, ao dizer que ela não era convidada para festas promovidas pela elite cajazeirense. Nota-se que, residindo em cajazeirense, Lilia não fazia parte daquelas manifestações festivas, porque, para muitos, ela era responsável pela destruição da imagem da família tradicional.

A exclusão que Lilia sofria por parte de alguns setores da sociedade nos leva ainda a perceber outros aspectos do imaginário cultural da época. De um lado nutria bons relacionamentos com as pessoas da cidade, pois frequentava lugares públicos, tendo ganhado notoriedade na política local. Por outro lado, a sociedade depositava nela o preconceito advindo da sua condição de prostituta, uma vez que ela não participava das festas em que as famílias mais tradicionais estavam presentes.

A segunda questão que Mariana coloca diz respeito a como Lilia se relacionava com as mulheres que trabalhavam na boate, indagando sobre as condições e os modos em que acontecia o contato e o destino dado a essas garotas. Nesse sentido, ela coloca:

[...] Tudo bem, ela foi expulsa de casa, ainda adolescente, pelo pai e tal, e o que lhes restou como alternativa de vida foi a prostituição, mas, depois, ela passa a utilizar a prostituição como moeda econômica, ela constrói o bordel e passa a rebanhar jovencinhas para serem exploradas. (Entrevista concedida pela professora Mariana Moreira)

Diante da fala da professora Mariana, percebemos alguns pontos significativos. Em primeiro lugar, a fala caracteriza Lilia como tendo justificativas plausíveis, inclusive do ponto de vista econômico, para seguir a vida que tinha, uma vez que fora abandonada pelo núcleo familiar, levando em conta os valores éticos e morais daquela sociedade. Por fim, Lilia é representada e criticada como sendo uma

mulher que portava juvenzinhas para morar no bordel, levando-as ao caminho da exploração.

Evidentemente não se pode negar que, no Brasil, a miséria seja um dos maiores fatores que leva as mulheres a prostituição. Entretanto, atribuir a entrada e a permanência nessa prática unicamente a questões financeiras é um argumento redutor, além de misógino, pois nega, mais uma vez, o direito à mulher de escolher livremente como quer viver sua sexualidade. Ou seja, se posicionar como sujeito desejante e histórico, fazendo da prostituição uma escolha como outra qualquer. (CECCARELLI, 2008, p. 9)

Desse modo, a prostituição não pode ser abordada apenas pelo viés econômico, mas social, na medida em que o sistema capitalista excludente deixa de prestigiar os setores das camadas menos privilegiadas da sociedade, na qual as prostitutas estão inseridas. Segundo Rago (2014), um dos principais motivos pelos quais os governos capitalistas não tentam encarar a problemática da prostituição é porque, ao fazerem isso, eles precisariam reconhecer os verdadeiros motivos que levam a maioria das mulheres a entrar na prostituição.

Conclui-se, portanto, que a mesma sociedade que deseja a destruição da prostituição, é ela mesma responsável pela sua manutenção, na medida em que coloca essas mulheres em uma posição subalterna, em contraste, com a posição máscula de dominação que os homens ocupam na sociedade.

Quando pensamos a questão da concessão do título não podemos anular tais problemáticas em torno da prostituição. É preciso, então, questionar quais motivações e discursos utilizados por àqueles que se posicionavam contra a concessão do título de cidadã Cajazeirense à Lília, de modo que, mesmo aqueles que reconheciam As Mangueiras como espaço cultural, que marcou a vida de muitos cajazeirenses, se posicionavam contra, pois aceitar tal realidade era ir contra os “bons costumes”, “a família” e a “instabilidade social”.

Entende-se, todavia, que a problemática em torno da concepção do título a Lília se apresenta como momento histórico importante, uma vez que serviu de palco para lutas feministas, sobretudo prostitutas que já estavam em busca dos seus direitos na virada dos anos 90, tal qual as outras minorias como os lgbtqi+ e negros que também efetivaram suas lutas nessa época.

Na tentativa de colher mais informações sobre a obtenção do título de cidadã à Lília, buscamos entrar em contato com deputado Jeová Campos e com sua

acessória, porém não conseguimos retorno. Entendemos que a sua fala poderia acrescentar outros elementos a pesquisa, uma vez que ele, como político e figura pública de projeção na cidade e no estado da Paraíba, teria, na época, se posicionado favorável ao requerimento.

Em clima de galhofa, é então reprovado, na câmara municipal de Cajazeiras, o requerimento apresentado pelo Vereador Severino Dantas. Na tentativa de contornar a situação, Severino e Jeová Campos entregaram, durante a mesma solenidade, um papel com o seguinte slogan: “A mulher que ensinou Cajazeiras a amar”, com o objetivo de homenagear àquela que tanto teria contribuído para animar as noites cajazeirenses.

Ao analisar os depoimentos e os documentos aqui apresentados, compreendemos, sem tomar partido, mas a partir do cenário social e cultural da cidade, onde as características do conservadorismo escravocrata ainda se faziam sentir, que os representantes legítimos dos seguimentos conservadores conseguiram exercer seus ideais nas decisões políticas da cidade.

3.4 A MORTE DE LILIA E O FIM DA BOATE AS MANGUEIRAS

Após a morte de Francisca Gonçalves, conhecida pelo nome de Chica, irmã de Lilia, responsável pela gerência dos negócios do estabelecimento, Lilia passou a administrar sozinha a boate e o motel, já que seus filhos moravam distante. Edileusa havia se mudado para São Paulo para tratar de um câncer; Evandro casou-se e foi morar na capital João Pessoa. Apesar de ela ter seus irmãos residentes em Cajazeiras, eles não tinham condições de gerenciar a boate. Aos 75 anos de idade, Lilia não tinha mais condições de continuar a gerenciar seus negócios, por isso viu-se obrigada a vendê-los, sendo esse um dos motivos de seu maior sofrimento, até mesmo nos últimos de sua vida, como nos relata sua cuidadora Mayara:

[...] O arrependimento dela era ter vendido as mangueiras, em relação a profissão dela, ela jamais se arrependeu, ela falava assim: galega eu tive tudo que uma mulher casada teve e tive mais porque eu fui feliz, pois muitas não foram e muitas não são. Eu vivi intensamente, porque eu fui feliz. Ela repetia isso mesmo no fim da vida dela. (Entrevista por Mayara)

As Mangueiras, o Dallas Motel e sua moradia foram vendidas no ano de 2012. Em 2018, Lilia foi acometida por um AVC e precisou de cuidados especiais.

Em 2019, ela foi diagnosticada com Alzheimer, e foi aí que Mayara a levou para morar com ela. No mês de fevereiro de 2019, o Bloco Cafuçú, um dos mais antigos da cidade de Cajazeiras, realizou o primeiro baile, tendo ela como homenageada.

Figura 9. Lilia das mangueiras sendo homenageada no bloco Cafuçú.



Fonte: Diário do Sertão

Em 2021, eu tive a oportunidade de conhecer Lilia pessoalmente. Fui visitá-la em sua casa, onde morou com a sua cuidadora, já com estágio de Alzheimer avançado. Ela faleceu no dia 20 de abril de 2022, aos 83 anos de idade, vítima de um infarto fulminante, em sua residência. Além dessa visita, tive a oportunidade de conhecer o local onde a boate funcionava, e pude constatar que o prédio se encontra em ruínas.

Figura 10. Imagem de como se encontra boate, boate e do Motel de Lilia atualmente.



Fonte: Imagem da autora 2022

Constatamos que a história de vida de Maria de Jesus, Lilia das Mangueiras, foi marcada por passagens alegres, embora, já ao final de sua vida, ela tenha enfrentado muitos momentos difíceis. As Mangueiras foi um local que marcou muito o imaginário da cidade, contribuindo na animação da vida noturna. Além de ser um ambiente voltado para o entretenimento, também era lugar de sociabilidades, que serviu de encontro para empresários, políticos e homens comuns.

Não podemos, no entanto, ao descartar o fato de que a proposta de concessão tenha sido colocada em momento político, o que teria dificultado o entendimento da comunidade em relação ao caráter social e cultura do requerimento. Em contra partida, isso provavelmente não faria muita diferença no resultado, uma vez que a rejeição do requerimento deu-se mais por pressão dos setores conservadores da cidade.

A fama e projeção que Lilia e sua casa de prostituição As Mangueiras ganharam, principalmente nesse período de concessão, decorreu, de certo modo, devido ao olhar de zombaria, deboche, ou machismo dos homens ricos de destaque na cidade, estes que certamente falando e divulgando o lugar acabaram projetando a cultura machista e suas próprias virilidades.

Além de abordar a trajetória de vida de Lilia das Mangueiras, este trabalho também possibilita uma melhor compreensão social e cultural da cidade de Cajazeiras durante as últimas cinco décadas do século XX. Demonstrando valor positivo, os relatos aqui apresentados podem ajudar a compor um pouco mais sobre a história da cidade, não somente a contar dos relatos sobre a família Rolim, bem como dos outros sujeitos históricos que participaram e enriqueceram esta pesquisa.

A prostituta é negada o direito e o reconhecimento enquanto cidadã nela é depositada todas as mazelas da sociedade, tornando-lhe culpada, demonizada e pervertida, são assim representadas como caminho para anormalidade social. Talvez seja justamente por isso que a prostituta é fortemente atacada pelo conservadorismo, porque ela ameaça todos os padrões de normalidade social que tenta a todo custo impor-se.

Não podemos deixar de comparar a história bíblica de Maria Madalena, apedrejada pelos pecadores, mas perdoada por Jesus, com a de Maria de Jesus (Lilia), a quem é negada o reconhecimento enquanto cidadã cajazeirense, pelos serviços prestados à comunidade, uma vez que sua boate muito contribuiu para animar as noites cajazeirenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de Lilia foi marcada por acontecimentos complexos, a contar pela forma em que teve de abandonar sua cidade natal, São José de Piranhas - PB, após relacionar-se com um homem casado, quando ainda muito jovem. Como percebemos, por meio de algumas imagens e dos relatos aqui expostos, Lilia passou por momentos de glória e retração, glamour e declínio. Não obstante, ela sempre lutou pela liberdade. Liberdade de corpo, liberdade na escolha de seus caminhos, liberdade essa que a fez, apesar de tantas batalhas e entraves, uma mulher à frente de seu tempo.

A pesquisa principiou desenvolvendo apontamentos em relação a dimensão e importância da História Oral como fonte e método de pesquisa, uma vez que a apresentação das narrativas, captadas a partir das entrevistas e analisadas pelo método investigativo qualitativo, trouxe à tona uma riqueza de detalhes pouco encontrada nos documentos escritos.

Percorrer a trajetória de Maria de Jesus, comumente conhecida como Lilia das Mangueiras, a partir dos pressupostos epistemológicos da História Oral possibilitou um maior entendimento não só de suas vivências e do emaranhado de relações estabelecidas por ela e por sua rede de apoio, mas também uma melhor compressão a respeito do funcionamento das dinâmicas sociais e culturais da cidade durante as últimas décadas do século XX.

Além das fontes orais, este trabalho monográfico fez uso de imagens e documentos, tais como: A proposta de requerimento para concessão do título de cidadã, disponível nos arquivos da Câmara Municipal de Cajazeiras, matérias jornalísticas da época, a exemplo do Jornal Estadão, além de jornais e sites da cidade, livros, artigos e teses dentre as quais destacamos: Chartier (1995), Alberti (2013), Foucault (1999), Rago (1990), e tantos outros que muito enriqueceram esta produção.

Ao longo da pesquisa, compreendemos que a imagem da mulher prostituta sempre esteve ligada à vadiagem, à desonestidade, à ociosidade, por isso a sociedade sempre tentou, de várias maneiras, excluí-las do meio social. Primeiro tirando essas mulheres dos centros urbanos. Depois criando regras e códigos de regulamentação.

Conclui-se, por consequência, que sempre houve resistência em acolher não só a mulher prostituta do meio social, mas também em aceitar que a prostituição pudesse ser considerada uma ocupação remunerada e legítima.

Vale ressaltar que este estudo não busca dar vazão a todas as vivências de Lilia e das mulheres que trabalharam nas Mangueiras, nem mesmo formular um signo fechado acerca dos relatos em torno da boate, menos ainda consegue abranger todas as facetas da prostituição na cidade de Cajazeiras. Muito pelo contrário. A história das mulheres que enveredam o mundo da prostituição requer um grande e complexo estudo quanto às vivências, espaços e trajetórias de vida.

Este trabalho, além de tentar contribuir para a historiografia local, da cultura e do cotidiano social da cidade de Cajazeiras, da Paraíba e do Brasil, visa servir como ponto de partida para futuras análises acerca dos temas e debates aqui tratados e, sobretudo, para pensarmos as mudanças e permanências na história. Portanto, mesmo quando se quer pensar ou vender uma imagem de contínuo progresso social, os retrocessos na política e no imaginário social devem ser investigados sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. **Revista Atual**, 3º Edição, Rio de Janeiro, 2013.

ARAÚJO, Risoneide Silva de. **Escritos femininos: uma análise do sensível na Revista Flor de Liz Cajazeiras (1920-1930)**. Monográfica, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, p. 73, 2019.

ARY, Zaíra. **Masculino e Feminino no imaginário católico: Da Ação Católica à Teologia da Libertação**. 1ª Edição. São Paulo: DEL PRIORI, M. Viagem pelo imaginário do interior feminino. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n. 37, 2000.

BATACLAN. Editoria Férias Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.feriasbrasil.com.br/ba/ilheus/bataclan.cfm> Acesso em: 20 de julho de 2022.

BERNADO, Katiana Alencar. Por uma história do sensível: amor, crime e sedução, Cajazeiras Paraíba, 1920-1940. **XVII Encontro Estadual de História**, ANPUH-PB, v. 17, n.1, 2016.

BURKE, P. (1992). Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. Em P. Burke (Org.), **A escrita da História: novas perspectivas** (pp.7-37). São Paulo: Editora UNESP.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição - Corpo como mercadoria. In: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis Vozes, 9ª Edição, Rio de Janeiro, 2003.

CHARTIER, Roger, (1995). Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu** (4), Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Tradução de Sheila Schwartzman.

CHICO BUARQUE. **Geni e o Zepelim**. Filme: Opera Malandro. Rio de Janeiro. 1978.

DEL PRIORI, M. Viagem pelo imaginário do interior feminino. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 179-194, 1999.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro(1840-1890)**. 1ª Edição. São Paulo: brasiliense. 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. Nós Vitorianos*. Rio de Janeiro: Editora Galliamard; 1999.

FONSECA, Claudia. A dupla carreira da mulher prostituta. *Estudos Feministas* 7, 1996, pp. 7-33.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **História e fotos, Cajazeiras-PB**, 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cajazeiras/historico>

LE GOFF, J. História e memória. Tradução Bernardo Leitão [et. all.]. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996 (Coleção Repertórios).

Lilia das Mangueiras é Destaque no Fantástico. **RESENHA POLITIKA**. 2021. Disponível em: <https://www.resenhapolitika.com.br/noticia/lilia-das-mangueiras-e-destaque-no-fantastico-e-o-tema-polemico-e-lembrado-ate-hoje-pelos-cajazeirenses-veja-a-reportagem> Acesso em: 10 de julho de 2022.

MESQUITA, Ruy. **Vereador quer homenagear prostituta na PB**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, ano 118, n. 38.009, 11 novembro 1997. Edição Brasil, p. 5. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19971111-38009-nac-0005-pol-a5-not>

NASCIMENTO, U. A. **O Doce Veneno da Noite: Prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EdUFCG, 2008.

PASINI, E. **Limites simbólicos corporais na prostituição feminina**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 14, p. 181–200, 2015.

PEREIRA, Jesana B.; FEIJÓ, Maurício E. V. Prostituição e preconceito: uma análise do projeto de lei Gabriela Leite e a violação da dignidade da pessoa humana. **Cadernos de Graduação – Ciências humanas e sociais**, Maceió, v. 2, n.1, p. 39-57, mai. 2014.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres**: relato de uma experiência. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 4, p. 24, 1995. Fazendo história de mulheres.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008.

PINHEIRO, Jocivan. Com Lilia das Mangueiras, 1º Baile do Cafucu anima foliões em clima de prévia carnavalesca. Diário do Sertão. 2019. Disponível em: https://www.showdiario.com.br/noticias/entretenimento/358027/video-fotos-com-lilia-das-mangueiras-1o-baile-do-cafucu-anima-folios-em-clima-de-previa-carnavalesca.html#_ga=2.262126853.909689682.1660658581-374044556.1645040526 Acesso em: 20 de julho de 2022.

PORTELLI, A. (1997) **O que faz a história oral diferente**. Proj. História. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ., 1997.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar e a resistência Anarquista Brasil 1890-1930**. 4ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Tese doutorado., Dep. História/ Unicamp, 1990

ROCHA, José de Andrade. Serafim Nestor da Rocha, “seu Yoyô” de umbuzeiro à Cajazeiras – a trajetória política, econômica e social de um humanista, visionário e empreendedor. TCC, UEPB, Guarabira-PB, p. 124, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. 2008. "**O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**". In: _____. (org.), História da vida privada. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

SILVA NETO, Alvinho Pereira da. **Planejamento urbano e crescimento do município de Cajazeiras-PB de 1980 até 2015**. Monografia, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, p. 52, 2015.

SILVA NETO, J. A., CEBALLOS. V. G. A presença do cinema e a construção de espaços de sociabilidade em Cajazeiras-PB (1950-1980). **Revista Espacialidades** [online], UFRN, v. 18, n.1, 2022.

SILVA NETO, José Antônio da. **Cinema e sociabilidade: uma história das relações sociais promovidas pelo cinema em Cajazeiras-PB (1950-1980)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

SIMÕES, S. S. Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil. In: **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, 2010b, v.2, n.1, Jan/Jun, p.24-46.

TEIXEIRA RODRIGUES, M. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68-76, jan./jun. 2009.

TILLY, L.A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 29-62, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **LILIA DAS MANGUEIRAS: LUTAS E GLÓRIAS DE UMA ‘NÃO CIDADÃ’ (1960-2012)** sob a responsabilidade de: CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e coordenado pela professora SILVANA VIEIRA DE SOUSA, vinculados a Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras-PB, Centro de Formação de Professores - Unidade Acadêmica De Ciências Sociais.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem como objetivo Contar a História e trajetória de Lília das Mangueiras, na cidade de Cajazeiras-PB, entre os anos de 1960 a 2012. A pesquisa se justifica a partir modos da história oral, em que será construída narrativas historiográficas através de entrevistas com aqueles que tiveram algum tipo de envolvimento com Lília das Mangueiras, sendo essa a documentação principal desse trabalho. Também faremos uso de matérias de jornais e fotografias de domínio público que possam nos ajudar a conta a história de Lília e das Mangueiras. O interesse pela investigação desses fatos despertou se, por se tratar de um tema social, voltado para os estudos da História das mulheres. Essas narrativas servirá como ponto de partida para que possamos compreender, de que forma a Boate-Motel As Mangueiras trouxe novos resinificados a vida noturna na cidade e provocou mudanças importantes no cotidiano dos cajazeirenses.

Diante do exposto, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: a ceder uma entrevista relatando fatos ou eventos relacionados a história de vida de Maria de Jesus, Lília das Mangueiras, da Boate-Motel ou de outros eventos relacionados à temática abordada. A finalidade dos depoimentos é reconstruir a história de Maria de Jesus e do seu estabelecimento, foco desta pesquisa, por apresentar evidentes contribuições para a História local da cidade de Cajazeiras-PB. Você poderá ceder seu depoimento livremente, contando sua versão sobre os fatos, desde de que haja um comprometimento com a verdade, sabendo que este, não irá ferir a integridade de outras pessoas. Durante a entrevista os você poderá ser interrogado, essa ação tem por objetivo esclarecer os fatos contados. A entrevista poderá ser realizada de forma anônima, utilizando um codinome, se assim desejar.

Com relação a este estudo os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados à possível constrangimento ou desconforto os quais caso ocorram procuraremos minimizá-los. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Os benefícios a serem gerados com a pesquisa consiste na reconstrução de uma nova história local para a cidade de Cajazeiras, tendo como ponto de partida a história de vida de Lília das Mangueiras, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras. A pesquisa também aborda temas como: o cabaré, cotidiano, gênero e relações íntimas Mangueiras.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e as divulgações dos resultados serão feitas de maneira que não permitam a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e a orientadora SILVANA VIEIRA DE SOUSA ou ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP; CFP; UFCG, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIERA DE SOUSA

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE

Endereço Pessoal: JUVENAL MARIO DA SILVA 377 MANAÍRA, JOÃO PESSOA-PB

Endereço Profissional: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE, CEBNTRRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Telefone: (83) 999177771

Horário disponível: Em função da pandemia e trabalho remoto os contatos devem ser feitos dos canais abaixo.

E-mail profissional: silvana.vieira@professor.ufcg.edu.br

E-mail: svs_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfufcgcz@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS, 14 DE JULHO 2021

Marcos Antônio Braga
de Souza

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Elucilene Gonçalves Bezerra

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **LILIA DAS MANGUEIRAS: LUTAS E GLÓRIAS DE UMA ‘NÃO CIDADÃ’ (1960-2012)** sob a responsabilidade de: CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e coordenado pela professora SILVANA VIEIRA DE SOUSA, vinculados a Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras-PB, Centro de Formação de Professores - Unidade Acadêmica De Ciências Sociais.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem como objetivo Contar a História e trajetória de Lília das Mangueiras, na cidade de Cajazeiras-PB, entre os anos de 1960 a 2012. A pesquisa se justifica a partir modos da história oral, em que será construída narrativas historiográficas através de entrevistas com aqueles que tiveram algum tipo de envolvimento com Lília das Mangueiras, sendo essa a documentação principal desse trabalho. Também faremos uso de matérias de jornais e fotografias de domínio público que possam nos ajudar a conta a história de Lília e das Mangueiras. O interesse pela investigação desses fatos despertou se, por se tratar de um tema social, voltado para os estudos da História das mulheres. Essas narrativas servirá como ponto de partida para que possamos compreender, de que forma a Boate-Motel As Mangueiras trouxe novos resinificados a vida noturna na cidade e provocou mudanças importantes no cotidiano dos cajazeirenses.

Diante do exposto, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: a ceder uma entrevista relatando fatos ou eventos relacionados a história de vida de Maria de Jesus, Lília das Mangueiras, da Boate-Motel ou de outros eventos relacionados à temática abordada. A finalidade dos depoimentos é reconstruir a história de Maria de Jesus e do seu estabelecimento, foco desta pesquisa, por apresentar evidentes contribuições para a História local da cidade de Cajazeiras-PB. Você poderá ceder seu depoimento livremente, contando sua versão sobre os fatos, desde de que haja um comprometimento com a verdade, sabendo que este, não irá ferir a integridade de outras pessoas. Durante a entrevista os você poderá ser interrogado, essa ação tem por objetivo esclarecer os fatos contados. A entrevista poderá ser realizada de forma anônima, utilizando um codinome, se assim desejar.

Com relação a este estudo os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados à possível constrangimento ou desconforto os quais caso ocorram procuraremos minimizá-los. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Os benefícios a serem gerados com a pesquisa consiste na reconstrução de uma nova história local para a cidade de Cajazeiras, tendo como ponto de partida a história de vida de Lília das Mangueiras, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras. A pesquisa também aborda temas como: o cabaré, cotidiano, gênero e relações íntimas Mangueiras.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e as divulgações dos resultados serão feitas de maneira que não permitam a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e a orientadora SILVANA VIEIRA DE SOUSA ou ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP; CFP; UFCG, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIERA DE SOUSA

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE

Endereço Pessoal: JUVENAL MARIO DA SILVA 377 MANAÍRA, JOÃO PESSOA-PB

Endereço Profissional: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE, CEBNTRRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Telefone: (83) 999177771

Horário disponível: Em função da pandemia e trabalho remoto os contatos devem ser feitos dos canais abaixo.

E-mail profissional: silvana.vieira@professor.ufcg.edu.br

E-mail: svs_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

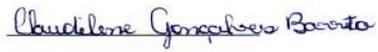
Email: cepcfufcgcz@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS, 30 DE AGOSTO 2021



Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal



Nome e assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **LILIA DAS MANGUEIRAS: LUTAS E GLÓRIAS DE UMA ‘NÃO CIDADÃ’ (1960-2012)** sob a responsabilidade de: CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e coordenado pela professora SILVANA VIEIRA DE SOUSA, vinculados a Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras-PB, Centro de Formação de Professores - Unidade Acadêmica De Ciências Sociais.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem como objetivo Contar a História e trajetória de Lília das Mangueiras, na cidade de Cajazeiras-PB, entre os anos de 1960 a 2012. A pesquisa se justifica a partir modos da história oral, em que será construída narrativas historiográficas através de entrevistas com aqueles que tiveram algum tipo de envolvimento com Lília das Mangueiras, sendo essa a documentação principal desse trabalho. Também faremos uso de matérias de jornais e fotografias de domínio público que possam nos ajudar a conta a história de Lília e das Mangueiras. O interesse pela investigação desses fatos despertou se, por se tratar de um tema social, voltado para os estudos da História das mulheres. Essas narrativas servirá como ponto de partida para que possamos compreender, de que forma a Boate-Motel As Mangueiras trouxe novos resinificados a vida noturna na cidade e provocou mudanças importantes no cotidiano dos cajazeirenses.

Diante do exposto, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: a ceder uma entrevista relatando fatos ou eventos relacionados a história de vida de Maria de Jesus, Lília das Mangueiras, da Boate-Motel ou de outros eventos relacionados à temática abordada. A finalidade dos depoimentos é reconstruir a história de Maria de Jesus e do seu estabelecimento, foco desta pesquisa, por apresentar evidentes contribuições para a História local da cidade de Cajazeiras-PB. Você poderá ceder seu depoimento livremente, contando sua versão sobre os fatos, desde de que haja um comprometimento com a verdade, sabendo que este, não irá ferir a integridade de outras pessoas. Durante a entrevista os você poderá ser interrogado, essa ação tem por objetivo esclarecer os fatos contados. A entrevista poderá ser realizada de forma anônima, utilizando um codinome, se assim desejar.

Com relação a este estudo os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados à possível constrangimento ou desconforto os quais caso ocorram procuraremos minimizá-los. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Os benefícios a serem gerados com a pesquisa consiste na reconstrução de uma nova história local para a cidade de Cajazeiras, tendo como ponto de partida a história de vida de Lília das Mangueiras, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras. A pesquisa também aborda temas como: o cabaré, cotidiano, gênero e relações íntimas Mangueiras.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e as divulgações dos resultados serão feitas de maneira que não permitam a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e a orientadora SILVANA VIEIRA DE SOUSA ou ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP; CFP; UFCG, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIERA DE SOUSA

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE

Endereço Pessoal: JUVENAL MARIO DA SILVA 377 MANAÍRA, JOÃO PESSOA-PB

Endereço Profissional: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE, CEBNTRRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Telefone: (83) 999177771

Horário disponível: Em função da pandemia e trabalho remoto os contatos devem ser feitos dos canais abaixo.

E-mail profissional: silvana.vieira@professor.ufcg.edu.br

E-mail: svs_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfufcgcz@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS, 01 DE ABRIL 2022

Severina Zilda da Silva

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Cláudia Maria Gonçalves Bezerra

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **LILIA DAS MANGUEIRAS: LUTAS E GLÓRIAS DE UMA ‘NÃO CIDADÃ’ (1960-2012)** sob a responsabilidade de: CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e coordenado pela professora SILVANA VIEIRA DE SOUSA, vinculados a Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras-PB, Centro de Formação de Professores - Unidade Acadêmica De Ciências Sociais.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem como objetivo Contar a História e trajetória de Lília das Mangueiras, na cidade de Cajazeiras-PB, entre os anos de 1960 a 2012. A pesquisa se justifica a partir modos da história oral, em que será construída narrativas historiográficas através de entrevistas com aqueles que tiveram algum tipo de envolvimento com Lília das Mangueiras, sendo essa a documentação principal desse trabalho. Também faremos uso de matérias de jornais e fotografias de domínio público que possam nos ajudar a conta a história de Lília e das Mangueiras. O interesse pela investigação desses fatos despertou se, por se tratar de um tema social, voltado para os estudos da História das mulheres. Essas narrativas servirá como ponto de partida para que possamos compreender, de que forma a Boate-Motel As Mangueiras trouxe novos resinificados a vida noturna na cidade e provocou mudanças importantes no cotidiano dos cajazeirenses.

Diante do exposto, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: a ceder uma entrevista relatando fatos ou eventos relacionados a história de vida de Maria de Jesus, Lília das Mangueiras, da Boate-Motel ou de outros eventos relacionados à temática abordada. A finalidade dos depoimentos é reconstruir a história de Maria de Jesus e do seu estabelecimento, foco desta pesquisa, por apresentar evidentes contribuições para a História local da cidade de Cajazeiras-PB. Você poderá ceder seu depoimento livremente, contando sua versão sobre os fatos, desde de que haja um comprometimento com a verdade, sabendo que este, não irá ferir a integridade de outras pessoas. Durante a entrevista os você poderá ser interrogado, essa ação tem por objetivo esclarecer os fatos contados. A entrevista poderá ser realizada de forma anônima, utilizando um codinome, se assim desejar.

Com relação a este estudo os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados à possível constrangimento ou desconforto os quais caso ocorram procuraremos minimizá-los. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Os benefícios a serem gerados com a pesquisa consiste na reconstrução de uma nova história local para a cidade de Cajazeiras, tendo como ponto de partida a história de vida de Lília das Mangueiras, nossa contribuição para a historiografia com esse projeto será trazer para o cenário da história social, novas discussões sobre os estudos femininos e prostituição, enfatizada a partir da história local da cidade de Cajazeiras. A pesquisa também aborda temas como: o cabaré, cotidiano, gênero e relações íntimas Mangueiras.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e as divulgações dos resultados serão feitas de maneira que não permitam a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a CLAUDILENE GONÇALVES BARRETO e a orientadora SILVANA VIEIRA DE SOUSA ou ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP; CFP; UFCG, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIERA DE SOUSA

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE

Endereço Pessoal: JUVENAL MARIO DA SILVA 377 MANAÍRA, JOÃO PESSOA-PB

Endereço Profissional: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAPINA GRANDE, CEBNTRRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Telefone: (83) 999177771

Horário disponível: Em função da pandemia e trabalho remoto os contatos devem ser feitos dos canais abaixo.

E-mail profissional: silvana.vieira@professor.ufcg.edu.br

E-mail: svs_sil@hotmail.com

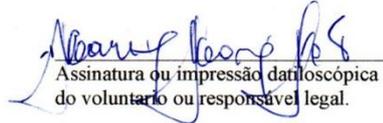
Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfufcgcz@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como está será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo participar voluntariamente desse estudo.

CAJAZEIRAS, 21 DE OUTUBRO 2021


Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal.


Nome e assinatura do responsável pelo estudo.

ENTREVISTA ORAL

Entrevistada 1: **MAYARA PINHEIRO**

Entrevistador: **CLAUDILENE GONÇALVES**

(C.G): Antes de darmos início a entrevista com MAYARA eu gostaria de saber se você aceita que essa entrevista seja gravada e publicada?

(M.P): Boa noite aceito sim

(C.G): Mayara você pode iniciar se apresentando e falando qual a ligação você tinha com Lilia.

(M.P): Ok meu nome é Mayara Pinheiro Braga de Sousa, mas conhecida como Mayara Beatriz e a minha ligação com Lilia das Mangueiras surgiu porque ela era vizinha do meu sogro, e cliente dele também numa merceariuzinha que a gente tem. Então ela sempre ia e eu sempre gostei de idosos e crianças, duas coisas assim que me atrai muito por ser verdadeiro, por ser amáveis, e a gente pegou uma convivência dela ir lá comprar e eu ir lá deixar as compras delas, alguma coisa assim. Gente pegou uma amizade todos os dias ela queria que eu fosse na casa dela tomar o café da tarde, que era de costume dela.

(C.G): Como foi a primeira vez que você a viu? Já tinha ouvido falar?

(M.P): Então... eu era muito curiosa em conhece-la, porque quem não queria conhecer Lilia, e foi assim através do meu sogro da mercearia e a filha dela andava na casa do meu sogro e eu morando em cima da casa do meu sogro e foi assim meu primeiro contato. Logo após a filha dela precisou fazer um tratamento, pois a mesma tem câncer na perna, e não tinha com quem deixar. Tentou coloca-la no abrigo, porem a mesma não aceitava aquela situação porque ela gostava da casa dela, era muito apegada as coisas dela e não queria de forma alguma ficar em um abrigo.

(C.G): Nessa época ela era totalmente lúcida?

(M.P): Ela era lucida ainda, então ela foi pra casa do filho adotivo, Evandro em João Pessoa e ficou uns dois ou três meses se eu não me engano, aí o próprio filho veio para deixá-la em minha casa porque ela já começou a ficar debilitada com Alzheimer, e não é todo mundo que gosta que tem a paciência de ficar com uma pessoa portadora de Alzheimer? Então ele veio pra deixar com a irmã Edileusa, só que ela ia perder a vaga em um hospital em São Paulo, então pra ela não perder eu

me dispus a ficar três meses com ela. Só que aí vontade de Deus ou recursos ne? Acabou sendo um ano e oito meses.

(C.G): Ela dependia totalmente de você? Ela morava na sua casa?

(M.P): Ela dependia de mim total. Inclusive a maior parte do tempo ela ficava no meu quarto porque ela teve um AVC e eu fiquei com medo de deixar ela só, e ela precisar de mim e eu não tá presente, então foi um foi um vínculo assim que eu criei com ela... que era assim surreal. Se ela acordasse, porque era difícil ela dormir a noite, se ela acordasse eu já estava de prontidão, porque eu tinha medo de acontecer algo come e sempre cuidei como se tivesse cuidando de algo meu. É tanto que vai fazer três meses..., mas é como se fosse ontem. Porque ela deixou em mim um aprendizado: que a as pessoas só viam como a mulher que era do sexo, mas Lilia tinha muito mais que isso a ensinar, é tanto que quando eu discutia com meu esposo, e ela me dizia: galega, o que é que você tem? Não fiquei brava não que homens são todos iguais, tenha paciência, muita paciência que Deus trabalha. Ela era muito assim... tinha muita fé. Érea um amor de pessoa, brincalhona, se eu tivesse triste ela me colocava pra cima. Ela gostava muito de dançar. Eu ligada o som e ela ficava dançando. Eu falava pra ela: eu não sei mais viver sem a senhora e ela respondia galega eu só saio daqui morta. E assim ela fez

(C.G): Você saberia me contar fatos sobre o local que ela trabalhava, sobre a boate. Coisas que ela recordava, histórias, como era o dia-a-dia, como era o funcionamento...?

(M.P): Ela me falava muito em dois nomes, que era Severino, que era o braço direito dela, que a pessoa que agia pra tudo com ela e outro que foi o grande amor da vida dela, que foi uma moça chamada de Jaqueline, já no final da vida dela, ela me chamava por Jaqueline, me chamava de filha, me chamava de Severino, então eu fui tudo isso pra ela. Ela amou muito essa moça, logico que teve outros dois, que foi o radialista, que ela falava e tinha uma foto dele, que se chamava J Gomes, mas essa Jaqueline foi assim um amor arrebatador, ela morreu falando o nome dela.

(C.G): Foi através de Lilia que você tomou conhecimento desse relacionamento homossexual?

(M.P): Isso, foi atreves da própria Lilia. Ela tinha flash do que tinha acontecido, tinha dias que ela estava na minha casa e pensava que tava na boate e dizia: chame Severino, traga mais cerveja, faça isso, faça aquilo. E eu dava risada, e dizia: cadê Severino? Até então eu não conhecia ninguém, e pensava será que já morreu esse

povo e tão tudo dentro da minha casa, vim conhecer no sepultamento dela. E a boate, ela disse que foi o amor da vida dela foi aquela boate, ela disse que foi os momentos mais felizes da vida dela, se arrependeu de ter vendido. Ela falava que tinha sido furtada, isso aí eu não posso nem afirmar, mas ela dizia galega me roubaram e se eu tivesse com você, você tomava conta de tudo, porque eu sei como você cuidar mim. Eu recebia o salário dela na época era o que eu tinha pra mantê-la?

(C.G): Então no caso você não recebia pelo serviço de cuidadora? Você fazia por amizade?

(M.P): Isso, é porque assim eu peguei um amor assim...imenso por ela, eu fiquei pelo carinho a ela e a filha dela, mas acabou que se estendeu a mais tempo, mas eu nunca recebi pra isso, esse valor era pra farmácia dela, pra coisas dela. Ela amava Danone, qualhada, a base de leite, ela vivia a base de leite, ela fala assim, tire o leite de mim que você tá me matando, é tanto que as últimas refeições dela foram mingau de aveia, Tinha hora que eu tinha que tirar no meu bolso pra mantê-la. Depois ela começou a usar fraldas, aí foi arrebatador pra mi, porque eu não queria ter visto ela naquele estado.

(C.G): Sobre as meninas que trabalhavam lá, ela falou alguma coisa?

(M.P): Ela relatava muito que vinha muitas meninas necessitadas, que os pais colocavam pra foram de casa, porque ela me dizia que naquela época pessoas que perderam a virgindade ou casavam ou ela descia pro bordel. Então ela acolhia essas meninas e a relação delas, do que ela me relatava, eram boas, era um relação assim e companheirismo umas com as outras, até porque era uma vida difícil, não era fácil, porque as pessoas só vê o glamour da história, mas não ver os bastidores, que são pessoas que muitas vezes abandonaram, abortaram, como a Lilia mesmos abortou vários filhos, que ela dizia que não podia, mesmo estando menstruada parar de ter relação, porque elas precisavam colocar o tampão pra ter relação pra ganhar o dinheiro pra manter a família. Quando você perdia a virgindade, ela falava, ninguém, queria, ninguém dava emprego, ninguém queria perto, então era uma vida muito sofrida, não era esse glamour que as pessoas falam, mas graças a Deus ela dizia que as coisas foi melhorando pra ela, ela foi aumentando o negócio dela, e virou esse fenômeno de cajazeiras.

(C.G): Essas meninas ela falava de onde eram? Quantas eram?

(M.P): No Falava que tinha época que tinha mais de vinte, eram de João Pessoa, fortaleza, Campina Grande, Patos e região. Ela falava que era cada mulher, e se fosse naquela época eu ia colocar tu lá, você é tão bonita. Eu dizia Deus me livre não tenho estômago pra isso não. (Risos)

Eu não sabia que ela já tinha se relacionado com outra mulher, eu até comentava com mainha olha Lilia dizendo que meus seios são bonitos. Mas a convivência com ela e tudo que ela me falou sobre a vida dela foi uma experiência impagável.

(C.G): Mayara ela teve um relacionamento com um homem por nome de Calheiros? Esse filho que ela teve foi com ele?

(M.P): Esse filho que ela teve não vou confirmar que foi dele não, pois eu nunca ouvi da boca dela. Eu só ouvir falar que Evandro, o filho que ela adotou era filho de uma das meninas, e ela orando ver sofre e nem se judiado, ela preferiu criar. Ela colocou esse nome porque foi o nome dado ao bebê da sua primeira gravidez, que ela perdeu e ele já tava formado já, tava com seis ou sete mês, ela disse que ia ser Evandro.

(C.G): Mayara ela comentou com você qual foi o real motivo que ela veio pra Cajazeiras?

(M.P): Ela falava que a vida dela era muito sofrida, ela era muito pobre, eram muitos irmãos, e ela gostava no glamour. Mas segundo a filha dela falava que ela tinha sido estuprada pelo tio, mas não vou confirma porque não ouvi da boca da própria, mas o que eu sei é que ela saiu pra conseguir algo melhor na vida dela. Então ela veio pra casa de uma tia dela, chegando aqui ela começou a trabalhar num barzinho, ela falou que vendia piaba cachaça, e começou a mulher se encostar e como ela não era boba começou a negociar. Pouco tempo depois começou a vim fazendeiros, pessoas de alto níveis, e ela conseguiu muito dinheiro, então ela conversou com o pai dela, que era o amor da vida dela era aquele pai, ela sempre falava, então o pai dela incentivou ela a comprar um terreno, que foi justamente pra construir, que justamente as mangueiras. Construiu primeiro uma casa e a boate, e depois a churrascaria e o motel, que hoje infelizmente está em ruínas.

(C.G): Ela teve ajuda de alguém no início?

(M.P): Ela só falava muito em Severino, não em ajuda financeira, mas que ele era os braços e as mãos dela. E tem uma mulher também chamada Chica Maga, que já é falecida também, que ajudou ela. Eles que trabalhavam junto com ela e mantinha tudo aquilo.

(C.G): Mayara como você percebia o relacionamento da sociedade cajazeirense com ela? Como de modo geral as pessoas a tratava?

Mesmo antes de conhecer dona Lilia eu já tirava que a sociedade em si tinha muito respeito por ela, ela foi uma das mulheres mais respeitadas dentro de Cajazeiras, eu digo porque eu cresci ouvindo falar de fina Lilia. Eu lembro que quando eu chegava com meu pai ali no Banco do Brasil, ela passava na frente de todo mundo, porque o gerente fazia questão de atende-la. Era um respeito que poucas mulheres casadas dentro de Cajazeiras tinham.

(C.G): Ela tinha algo que se arrependia? Sobre a profissão dela, ela demorava se arrepender de suas escolhas?

(M.P): O arrependimento dela era de ter vendido as Mangueiras, em relação a profissão dela, ela jamais se arrependeu, ela falava assim: galega eu tive tudo que uma mulher casada teve e tive mais porque eu fui feliz, pois muitas não foram e muitas não são. Eu vivi e vivo intensamente, porque eu fui feliz. Ela repetia isso mesmo no fim da vida dela.

Um dia antes dela morrer, minha mãe que é muito católica rezava muito com ela, positive que ir morar próximo a ela no loteamento cristã, aí mãe perguntava Lilia você se arrepende de alguma coisa? Peça perdão a Deus. Ela respondia: minha filha eu peço perdão a Deus do que eu não fiz. E se eu magoei alguém, eu magoei sem intenção, porque eu nunca fui atrás de marido de ninguém. É realmente quem vive nessa vida, da forma que ela vivia, no local de trabalho dela realmente não vai atrás de ninguém, as pessoas que ia procurar no local de trabalho dela. Então é difícil dizer que ela se arrependeu, ela sempre dizia que não. Ela dizia que só se arrepende de não ter continuado, dizia que era muito animado, que ia família, que chegava casais, ela disse que só não aceitava criança. Mas ela disse que ia casais sim e as moças não perturbavam.

(C.G): Ela falava quais os famosos chegaram a frequentar ou visitar a boate?

(M.P): Ela falava sim, que tinha o clube 1 de Maio, que era muito frequentado aqui é o Tênis Clube e disse que quando essas pessoas vinham, Nelson Gonçalves, essa pessoas mais da idade dela, mais antigo, falava que quando terminava o show nesses locais partia pra lá, porque os bocais, os homens de bem, levava pra lá. Ela dizia assim: Eu era chique meu bem, porque eu tinha show particular. Os outros pagavam pra ver e eles me pagavam pra me ver.

Eu passava horas e horas ela falando em Altemar Dutra, Nelson Gonçalves e muitos da época dela. O olho dela brilhava e ela dizia assim: você não tem noção do que Deus já me proporcionou. Por isso eu sou uma mulher feliz, porque por mais que eu tenha passado coisas que tenham me machucado, Deus nunca largou minha mão. Deus é bom demais. E ela me fez ter mais fez do que eu já tinha. Ela me disse galega tudo é ensinamento. Quando eu falava do meu sofrimento porque não conseguia ser mãe, ela dizia minha filha se você não conseguiu ser mãe ainda esporeie Deus tem um projeto na sua vida. Olha o projeto que você recebeu, cuidar de mim. Se não como era que eu ia tá aqui agora sem você. Isso ia me motivando. Nos últimos meses ela deu muito trabalho, passo até dois dias seguido sem dormir, e as pessoa me mandavam dar remédio pra dormir, mas eu sabia que ela já estava no fim da vida, porque o médico me falou assim que ela ia definhar. Então eu queria aproveitar cada minuto da vida dela. Meu esposo que fazia o mingau pra ela. Mas tudo que eu vive não me arrependo não. Ela me ensinou muito.

(C.G): Se você se sentir confortável e quiser contar como foi o dia do falecimento dela?

(M.P): Conto sim. Foi assim, eu tava de mudança pra voltar pra onde a gente morava que era nas capoeiras, e antes disso a filha dela veio de São Paulo com os netos e os bisnetos de Lilia, pra ver a mãe. Chegou viu ela e falou assim: mãe eu vim pegar a senhora, vamos embora comigo pra São Paulo, aí ela falou assim: e a galega vai? Minha filha vai? Aí ela disse não sua filha sou eu. Eu só saí daqui com ela. Aí Edileza explicou que eu não poderia ir porque eu tinha minha família e meus pais pra cuidar também. Nisso ela olhou pra mim e disse: galega não me deixe ir, dizia o que eu fiz com você meu amor, porque você quer que eu vá embora? Eu não quero que ascensora vá embora. Eu já começava a chorar, porque eu não queria me afastar dela.

Depois disso morreu a mulher, ela ficou deprimida, a filha foi embora, mas ela ficou com aquilo na cabeça que ia levar ela embora. Aí ela já não queria mais levantar, não queria tomar banho, comer. Do nada ela fica triste, ela chorava. Esse u até cheguei a pedir que ela, a filha dela me passasse o aluguel de uma das casas, porque ela tinha três casas, e já tava ficando muito difícil pra mim manter ela. Mas ela só me passou duas vezes esse pagamento.

Ela tomou as duas vacinas de COVID, eu não recebia visita com medo das pessoas transmitir pra ela o vírus, o médico sempre iam visitá-la, mas depois que ela filha

dela saiu, acabou, aí chegou o dia da mudança. Só faltava meu quarto e eu falei pra ela, amanhã a gente vai pra casa, isso foi no dia 19, aí ela falou: eu sei que você não vai me levar, russo que você vai me deixar, aí eu disse não se preocupe não que eu não vou te deixar. Aí ela falou assim: eu sem você eu morro. E eu respondi: morre nada mulher, tu vai viver muitos e muitos anos comigo, a pandemia não te matou, quem é que vai te matar? E eu sempre brincando com ela.

Aí eu cheguei nesse dia já era umas oito horas da noite, minha mãe já tinha dado o mingau a ela, aí ela tava triste, eu fui trocar ela e percebi que as necessidades fisiológicas dela nem entrea, nem saía, aí eu tirei. Dei banho e fiquei com ela, eu com o celular e conversando com ela, mostrando nossos vídeos, ela gostava muito de Wesley Safadão, eu colocava e começa a dançar pra ela. Quando foi já tarde da noite e disse eita hoje tu tá dura, tu não vais deixar eu dormi, não é? E ela piscava o olho pra mim. Bom usando deu 4:15 da manhã, eu preparei um mingau pra ela, eu já tava exausta, caindo de sono, e ela disse vá filha, vá dormir, e eu me surpreendi porque ela já não tava mais falando como antes. Eu perguntei se ela tava bem, se tava sentindo alguma coisa. Ela disse que tava bem e que ia puxar um ronco, ela falava assim. Eu também tão exausta que eu apaguei. Quando deu umas 9 horas eu levantei, ela gostava muito de brincar, não levava nada a sério, aí eu levantei e liguei pra meu esposo, e fui atrás dela, ela lá tava numa posição que não parecia que ela tava morta. Do jeito que eu deixei a única coisa que eu a deixei, ela tava, só tirou a perna pra fora do lençol. Ela morreu como um passarinho. Eu disse acorda princesa tomar café, aí mãe disse que já tava descendo com o meu mingau e o de Lilia. E nada dela responder, mas ela já tinha costume de fazer, aí eu continuei e nada, quando eu peguei na testa dela tava gelada. Meu mundo caiu. Parecia que eu não tava dentro de casa. Aí eu liguei pra todo mundo, e disse corre que Lilia já não está entre nós.

(C.G): Mayara o nome dela completo era apenas Maria de Jesus?

(M.P): Era só Maria de Jesus. Eu tenho os documentos dela, inclusive a carteira de motorista dela, e eu sempre brincava que ia compra um Fusca pra gente anda, ela dizia: nam, eu quero um Opala. Esse era o carro que ela tinha, que na época era o carro. Ela possuiu o Jeep também.

(C.G): Com que idade tem lá faleceu?

(M.P): Com 83 anos.

(C.G): Com quantos anos ela começou o empreendimento?

(M.P): Pelo que ela me relatou ela tinha 17 anos. Quando ela começou o bar.

(C.G): Muito obrigada pela sua participação

(M.P): De nada.

Entrevistado 2: **FRANCIVALDO DO NASCIMENTO**

Entrevistador: **CLAUDILENE GONÇALVES**

(C.G): Antes de iniciar a nossa entrevista gostaria de perguntar se o senhor aceita que essa entrevista seja gravada e publicada?

(F.N): Aceito sem nenhum problema viu.

(C.G): Sendo assim, fique à vontade para falar como conheceu Lilia.

(F.N): Lilia eu conheci na comunidade da paróquia São João Bosco em 1991, só que nesse tempo eu fazia um trabalho na linha da catequese e aí tive a oportunidade de ter contato com Lilia que morava ao lado da capela São João Bosco. Então, no momento em que o filho dela morreu, deu um choque elétrico, e aí fui à casa dela muito formalmente, mas na sociedade ela se relacionava com todo mundo. Eu não tinha nenhum preconceito até porque a marca dela era a transparência, ela não tinha máscara, era uma mulher muito aberta. Assumia o que fazia e o que fazia, fazia de forma muito autêntica. Apesar de cada um fazer aquilo que acha certo na sua visão de mundo, de homem e de história. Conheci Lilia também, quando a sociedade acho até que de forma errada tentou dar a Lilia o título de cidadã Cajazeirense, dentro de um momento político, e nesse momento eu me coloquei contrário ao título porque não mudaria em nada a questão da aprovação do título, eu questionava a linhagem filosófica e cultural. Mas apesar de tudo isso a gente tinha um contato aberto, conversava sempre que nos encontrava e ela muito educada, muito cortês. Até sua morte a Lilia manteve sempre uma linha, né? De ter um relacionamento aberto com a sociedade, eu nunca ouvi naquela sociedade onde eu fui vigário por mais de nove anos, alguém se incomodar com a Lilia a marcar dela era a sensibilidade com as pessoas. Era clara e aberta, destemida também. Nunca se envergonhou exatamente do trabalho que ela fazia na cidade, de modo que isso ajuda na minha relação com ela. Isso deu até a oportunidade de alguns seguimento da sociedade na época, os colegas políticos tentarem atribuir a Lilia o título cajazeirense. E recentemente recebemos a notícia dessa mulher que fez parte da história de Cajazeiras.

(C.G): Ela era frequentadora da Igreja? Ela participava das missas?

(F.N): Lilia morava em frente, olha Lilia frequentava todos os espaços da sociedade. Ela ia também a igreja, ia em tudo. Só não era aquela pessoa de tá todo dia. Não era um católico de tá direto, mas ela tinha sua fé. Eu vivia por ali e também nos

encontrava, de modo que eu via que ela vivia do seu modo, no seu mundo, mas das festas da São João Bosco ela participava.

(C.G): Essa questão do título, porque você acha que na época não foi concedido? E se isso fosse nos dias de hoje teria sido diferente? O senhor mantém o mesmo posicionamento?

(F.N): É porque não foi trabalhado na época muito bem o projeto de aprovação do título, porque ela era historicamente conhecida na cidade, até pelo ambiente que ela trabalhava e aí alguns seguimentos culturais da cidade disseram que precisaria do título na câmara, só que aí porque muitas vezes o título vai fornecer um padrão, como na prática de Lilia moral e ilícita onde ela trabalhava não dava condições objetiva para que a gente fosse favorável ao título. Lilia era cidadã cajazeirense sem precisar de título, como foi e vai continuar sendo na história, como a mulher que faz parte da cultura da cidade, por sua casa noturna na cidade, inclusive tinha outras casas noturnas na cidade. Isso atrapalhou mais do que ajudou, porque ela não precisava do título pra ser conhecida, para ser respeitada, como ela já era respeitada. Esse título criou uma espécie de divisão na cidade, pois foi preparado de forma infeliz e colocado num momento impróprio.

(C.G): Na sua opinião, a boate as Mangueiras movimentou e influenciou o contexto da cidade na época?

(F.N): Olha o ambiente dela era muito bem frequentado na época, ela mesma dizia e como naquela época as casas noturnas era uma novidade na cidade, tinha festas, então fazia parte do calendário cultural da cidade. Não só pelo ambiente, mas também pela personalidade dela que eu diria que era muito forte, muito autêntica. com certeza isso marcou a vida de muita gente.

(C.G): Esse título foi colocado em um momento político?

(F.N): Eu diria que ele não foi colocado, mas se tivesse sido eu diria também que não foi bem colocado pela câmara.

(C.G): Existiam outras mulheres que também trabalhavam nesse segmento na cidade, por que o senhor acha que Lilia foi a escolhida para ganhar esse título?

(F.N): Acho que por ela ser uma mulher autêntica, era uma boa gestora, tanto é que político e muita gente queriam prestar essa homenagem a ela. E lá era um lugar cultural, as referências do seu estabelecimento marcaram muito a cidade, o caráter atrativo dela, ela era uma mulher bonita, ela tinha a química com o trabalho noturno, não só um bom relacionamento com a sociedade. Nunca vi ninguém falar mal da

Lilia, os homens que iam lá falavam bem. Acho que a diferença era essa. Era a sua capacidade de se relacionar bem com todo mundo, as mulheres que andavam lá, ela foi sempre uma mulher marcada pela autenticidade daquilo que ela fazia. Nunca fez nada de cabeça baixa.

(C.G): A figura de Lilia está muito ligada à generosidade como o senhor percebi isso em relação a ela com as meninas que lá trabalhavam?

(F.N): Olha era uma relação de força de trabalho. Isso fazia parte da estrutura econômica dela, não sei bem como funcionava, isso é uma questão de mercado, do qual eu não posso exercer nenhum comentário sobre isso. Lilia dava o trabalho, dava assistência médica. é tanto que eu não vou aprovar o mercado sexual, é tanto que o meu trabalho na São João Bosco foi com as meninas prostitutas, de 12,13,14 anos eu catequizava essas meninas. Tentava dar a elas a perspectiva de vida nova, do trabalho. Pois cada pessoa é livre para fazer suas escolhas.

(C.G): Obrigada por ter aceito participar. Tenha um bom dia.

(F.N): Eu que agradeço. Bom dia para você também.

Fim.

Entrevistada 3: **MARIANA MOREIRA**

Entrevistador: **CLAUDILENE GONÇALVES**

(C.G): Bom dia professora Mariana, gostaria de saber se você aceita que essa entrevista seja gravada e publicada?

(M.M): Aceito, tudo bem.

(C.G): Pode começar fazendo uma breve apresentação sua e falando como foi seu primeiro contato com Lília das Mangueiras.

(M.M): Eu sou professora Maria Moreira da UFCG, campus de Cajazeiras, na verdade a minha graduação é em comunicação social bacharelado e terminei a universidade em 1983, de 83-1993 eu desempenhei a atividade de jornalista aqui em Cajazeiras I, trabalhando em emissora de Rádio aqui da cidade e correspondente de jornais em João Pessoa. Foi nessa atividade que eu conheci Lília das Mangueiras, o primeiro contato foi quando na década de 80 estava se revelando a epidemia de AIDS em todo o planeta e a secretaria de saúde do estado estava iniciando as ações com aqueles que eram considerados público de risco, que era os homossexuais e as prostitutas que eram considerados os principais transmissores do vírus. E foram fazer uma atividade nas Mangueiras que era o bordei da Lília, e eu fui designada para fazer a cobertura, aí chegar lá Lília ficou espantada, perguntou o que eu estava fazendo ali, aí eu me identifiquei: olha eu sou jornalista.... Ela falou: Eu te conheço, se você trabalha em rádio, mas porque não mandaram um homem? Você não se incomoda de vir aqui, eu disse olha eu vim a trabalho, eu estou fazendo a cobertura jornalista e pra me não tem problema nenhum, eu as considero pessoas com quem eu convivo cotidianamente na minha atividade profissional, ela ficou espantada e disse que foi a primeira pessoa que vê que não a discriminou. Então esse primeiro contato me revelou uma pessoa que tinha noção da sua condição de considerada uma pária da sociedade, ou seja, alguém que está excluída. E aí depois fiz concurso entrei na universidade, entrei como docente, só ouvia falar de Lília pelas informações, depois a Lília volta ao palco, quando o vereador, do partido do trabalhador aqui em Cajazeiras, o Severino Dantas propõe na câmara Municipal de Cajazeiras a concessão do título de cidadã cajazeirense para Lília das Mangueiras, na verdade ela é de São José de Piranhas, mas sempre morou em Cajazeiras, naquele momento o fato tomou proporções nacional, a globo veio aqui, o fantástico, fazer uma cobertura, fazer a reportagem, e eu fui uma das poucas pessoas a me

colocar não contraria a concessão, mas a problematizar a questão. A primeira questão era o slogan que colocava de “a mulher que ensinou Cajazeiras a amar”, e aí eu questionava: Como isso é um amor? O que é o amor nessa compreensão? Porque a Lilia não era amada por Cajazeiras, ao contrário, ela não participava, por exemplo, das festas de 15 anos das filhas das famílias de Cajazeiras, ela não era convidada pra festas, pros bailes no Cajazeiras Tênis Club, o clube da cidade naquele momento. Como ela ensinou Cajazeiras a amar? Que amor era esse? A segunda questão que eu colocava: Tufo bem ela foi expulsa de casa, ainda adolescente, pelo pai e tal, e o que lhes restou como alternativa de vida era a prostituição, mas depois ela passa a utilizar a prostituição como moeda econômica, ela constrói o bordel e passa a rebanhar, jovenzinha para serem exploradas no bordel, então como é cruel a compreensão de cidadania e dignidade que está contido nesse processo. Então acho que eu fui uma das poucas pessoas com outro viés, porque eu não concordava muito com a questão. A igreja também se posicionou ao contrário, mas a minha posição é qual é o sentido da dignidade da cidadania que tem dessa concessão, desse título né? Se a própria cidade nunca a reconheceu como cidadã? Então era muito mais, que lá estava sendo usada, não sei se ela tinha consciência disso ou não, como manobra política, para alguns aparecerem. Mas a questão da Lilia das Mangueiras precisa ser colocada é discutida nessa perspectiva, não era a mulher que ensinou Cajazeiras a amar, mas qual era a forma de amor? O amor que tinha uma relação sexual vendida, negociada, e como as meninas que “trabalhavam” no seu bordel, entre aspas porque isso não é trabalho, eram exploradas, exploradas enquanto pessoas, enquanto mulheres, porque era forçadas a praticar uma relação sexual em troca de dinheiro e eram exploradas pela Lilia, que tirava seu sustento, que tinha sua fonte de renda com a exploração da prostituição, então essas questões precisam ser discutidas, precisam ser debatidas, precisam ser questionadas, quando se traz para o cenário a figura de Lilia das Mangueiras. E aí eu sempre colocava que eu não tenho nenhuma restrição pelo fato dela ter sido prostituta, reconheço todo o cenário, todo o contexto econômico, político e social daquele momento, que ela adolescente perde a virgindade e é expulsa pelo pai porque não aceita. Claro, isso era uma situação que era muito comum na época dela adolescente e que revelava toda essa conjuntura conservadora da sociedade. Mas depois ela utiliza-se da prostituição como forma de continuar a exploração de outras mulheres, ela passa praticamente, eu nunca vi a

Lília em nenhuma iniciativa, pode ser que eu esteja equivocada, de questionar, de denunciar as condições de vida das prostitutas, as condições em que elas viviam, a violência que aquelas mulheres sofriam é que não eram poucas, muitas eram agredidas, muitas eram alvo de sadomasoquismo de alguns homens. Então, essas questões precisam ser analisadas quando se tem como objeto de análise a Lília das Mangueiras. Pra que tire aquela áurea que ela foi a mulher que ensinou Cajazeiras a amar, ela era uma pessoa gentil, educada, ela sempre que me encontrava, me cumprimentava, falava comigo, e não tinha problema nenhum, pra mim podia ser Lília das Mangueiras ou a primeira dama do estado da Paraíba, ou a madre superior da congregação das carmelitas, não importava pra mim, era uma pessoa. Minha questão era como a figura de Lília das mangueiras passa a ser utilizada, por um lado, por essa questão política, por um lado por esse interesse de aparecer aí propõe o título de cidadania, num outro aspecto é a própria questão dela, como alguém que mantém, mesmo tendo condições de inverter essa condição para melhoria das meninas, mas não ela continuava aliciando as meninas para irem ao seu bordei, como muitas como ela que chegava expulsa pro pai ou fugindo da miséria e pobreza, por mais que elas fossem bonitinhas, apreciáveis ela as acolhia e passa a explora-las, então é essa questão que precisa ser discutida, a prostituição como um problema social que envolve a Lília como tem muitas outras, que não ganhar a proporção midiática e política da Lília, mas que estão aí também e que não são se quer consideradas, que precisam ser discutidas não enquanto indivíduo, mas como uma questão política da prostituição, que permite a produção dessa figuras, dessas situações. Então a minha impressão como jornalista e também estudiosa que começa a fazer pesquisa nas questões de gênero, mesmo sem ter nenhum trabalho com a prostituição, mas me permite ter essa leitura de Lília das Mangueiras, inclusive ela não tinha ou não quis ter a percepção de como ela inclusive foi utilizada como marketing para algumas pessoas, que não tinha se que a preocupação de discutir em que condições a Lília das Mangueiras vivia enquanto indivíduo. Como que ela era tratada, por exemplo, na minha época eu tinha uma irmã que já trabalhava em um supermercado, era caixa de um supermáquina em Cajazeiras, aonde a Lília fazia a feira, e disse que quando ela chegava, as outras mulheres saiam daquele corredor onde ela estava iam para os outros corredores. Então ela terminava de pegar as mercadorias daquele corredor, entrava no outro as mulheres saiam e deixava ela sozinha. E era quase como uma coisa espontânea, ou

seja, natural. É essa mulher que diz que ensinou a cidade a amar? Uma mulher que não foi aceita apenas porque era uma prostituta? Então essas questões precisam ser discutidas, era isso que eu colocava quando vinham me interrogar algumas vezes qual era minha posição em relação à concessão do título. Eu quase fui execrada pelo companheiro, né? Eu até hoje tenho muito respeito pela sua atuação política, mas eu disse pra ele várias vezes: olha me desculpa, mas pra mim é um equívoco político, equívoco cultura, está concessão desse título teria que ter um outro viés, que era discutir por exemplo, as condições da prostituição na cidade, que condições vivem as mulheres prostitutas, obrigadas a se prostituir-se como alternativa de vida.

(C.G): Professora Mariana alguns dos outros entrevistados comentaram comigo o fato de que relações bem recebidas nos locais, que não existia esse tipo, que por exemplo na fila do banco, ela chega a passar na frente e a senhora coloca um contraponto aí, diferente do que algumas pessoas me falaram, dentro dos locais públicos da cidade. Gostaria que comentasse um pouco mais sobre isso.

(M.M): Olha, eu não tinha convivência com Lília, isso que eu coloquei sobre minha irmã, que ela trabalhava no supermercado em que ela era cliente, uma outra informação que eu tinha é que eu nunca vi, por exemplo em alguma festa como baile de carnaval, no Tênis Clube, eu como jornalista fiz cobertura, nunca vi a Lília presente. Via as outras pessoas serem convidadas, e muitos clientes que estavam naquelas festas eram clientes das Mangueiras, ou seja, conhecia a Lília e se diziam seu amigo. Então a questão que eu coloco do preconceito é essa, não é que ela não fosse, não é que ela fosse proibida de ir ao banco, ao contrário ela era bem recebida no banco porque ela era uma boa cliente. Tinha dinheiro. Mesmo com as ressalvas ela era bem recebida no supermercado porque ela era cliente, mas ela não era aceita pelas outras cliente, mas o dono do supermercado não ia colocá-la pra fora. Ao contrário. Agora a forma como as outras pessoas a via, elas não diziam oi Lília você vai pra festa da minha filha que vai debutar. Ou seja, é essa questão que eu coloco, como é que a cidade enxergava Lília. Mesmo ela sendo católica ela não ia para a igreja, não era o padre que dizia não venha a igreja, mas era a forma como as pessoas a olhavam, como as pessoas a olhavam no supermercado. Ela não ia deixar de ir no supermercado porque ela precisava comprar, no banco ela precisava movimentar o seu dinheiro, mas a forma como ela era recebida, é essa questão que eu coloco, não que não fosse permitido a ela o acesso, mas a forma como ela era

tratada, revelava, aquilo que a gente chama de preconceito cultural, era uma reação espontânea “é Lilia sai, se afasta”. Cruza, vai para o outro lado, evitar. Então é essa forma, não é que a cidade fechava as portas... Agora a forma de tratamento é que revela esse preconceito, e que eu achava totalmente contraditório com a concessão do título de cidadã. Que cidadã é essa que nós não respeitamos? Que cidadã é essa que eu não reconheço como cidadã? Em nenhum momento eu tenho nenhuma informação de que ela foi interditada, ou impedida de entrar em algum lugar. É como se ela era olhada, vista pelas pessoas. Se aconteceu foi muito raro ela ser chamada, por exemplo, para uma festa de debutante. Ou festas glamorosas no Cajazeiras Tênis Club. Ou se ela foi convidada e ela recusou a ir, aí com certeza ela deve ter vivenciado esse preconceito.

(C.G): Sobre uma questão, que a senhora coloca em seu texto Estranho Amor, na sua opinião o fato dela receber essas garotas, dar trabalho para elas, foi o motivo pelo qual quiseram dar a ela o título de “mulher que ensinou cajazeiras a amar”, de mulher generosa, de mulher que ama, que era bondosa, caridosa?

(M.M): Tem esse aspecto ne? Ela era... não é que ela tratasse mal, batesse nas meninas que trabalhavam com ela lá nas Mangueiras, mas o que temos que entender, compreender ‘é a prostituição como um problema, não um problema, mas como uma questão social, política. A grande questão que se coloca é a individualização. A Lilia era uma pessoa humanamente, não sei, que chorava, que tinha afetos, mas isso não implica...que por mais que ela gostasse individualmente das meninas ela tinha que dizer que “chegou a hora quero todas bonitinha, cheirosinha e vamos pro salão receber os nossos clientes”. E ai de quem dissesse “eu não quero transar com alguém que eu não tenho nenhuma afinidade. “Mas então minha querida, aqui você é minha funcionária, você vai ter que ir pro salão, agradar os clientes, levá-los para os quartos e depois trazer a graninha pra mim”. Ou seja, é essa questão colocada, é a atividade econômica que tem como matéria prima a exploração das mulheres que são levadas a vender os seus corpos em troca de dinheiro, não é que... quando a secretaria de saúde vai fazer a atividade lá´ ela colocou muito bem isso a preocupação que ela tinha, ela colocou que sempre fez questão de levá-las para o medido, que elas fizessem o acompanhamento médico isso na década de 1980, ela tinha todo esse cuidado. “É como máquina enferrujando, se percebe que uma parte da engrenagem está se corroendo vai lá e faz a reposição”. Mas como gente, como pessoa, claro. O que eu questiono é

mesmo ela tendo atingido uma posição, que querendo ou não, ela é de destaque em relação as outras, não trouxe por exemplo discursão sobre a questão da prostituição, a questão da miséria, da pobreza. Forçava muitas meninas a entrar pra prostituição. Não tinha escola, muitas perdiam a virgindade eram expulsas de casa, envergonha a família. Não que a Lilia enquanto pessoa fosse malvada, mas é o papel político-social que ela tinha enquanto Lilia das Mangueiras, mas ela inclusive pessoalmente assim... tinham uma fala mansa, muito afetuosa, sempre que eu encontrava com ela eu falava “dona Lilia tudo bem?” e ela respondia “Dona Mariana, tudo bem, como vai você?” Ela me tratava sempre carinhosamente, afetuosamente, mas essa não é a questão que ela coloca, a questão é o papel político. É a mesma coisa que acontece na fábrica, faz uma bela festa pra escolher o operário padrão, ai da cesta de natal pra todo mundo, mas né... os operários tem que está lá todos os dias cumprindo a sua jornada. Lilia das Mangueiras representa o que? Um lugar que era de exploração do sexo, mulheres que eram agenciadas, ou seja, eram operarias da Lilia, que extraia dessas mulheres os seus rendimentos, as mulheres vendiam seus corpos, se prostituíam e em troca desse serviço elas então passavam a remuneração, ou lucro da mercadoria que vendiam para a dona da fábrica, como acontece na fábrica de sapato, com a fábrica de geladeira. Então é um pouco isso...elas recebiam o que? Ela recebiam o salário, a casa, a comida, adoecia Lilia levava no médico, dá algum dinheiro para ajudar as mães que tinha filho, mandava dinheiro pra família, Lilia dava, mas era Lilia que explorava aquela mercadoria, era ela quem dizia o preço, e as descartava quando elas não tinham mais validade de mercado.

(C.G): Professora, a senhora que é tão ativa nos movimentos sociais já viu alguns movimentos em pro da regulamentação da prostituição na cidade de Cajazeiras?

(M.M): Não, nunca vi nenhum movimento. Claro que a gente trabalha, discute quando a gente tem discussão com essa questão de relação de gênero, que essa discussão entra. Mas eu não vi nenhuma ação do estado, publica, no município pra pensar essa questão da prostituição. O que a gente observa a própria resignificação da atividade no próprio processo das transformações econômicas, sociais e políticas. Hoje em Cajazeiras nós não encontramos mais os cabarés como o de Lilia, os saberes que tinha que se chamava os Sete Chalés, ou a antiga Estrada do Jatobá, Os Sete Candeeiros. Não temos mais essas atividades, porque hoje até as redes sociais são espaços também dessa atividade. Então essa discussão que

tenha acontecido. Até porque é uma atividade dinâmica, vai se ressignificando, vai se incorporando, nas mudanças tecnológicas. Você não entra mais as “casinha”, os cabarezes conhecidos. Hoje você consegue agenciar uma garota de programa pelo celular, mas é uma questão que precisa ser discutida, acho que seu trabalho é fundamental pra isso, pra se discutir um problema social. A grande questão é que a prostituição não é vista como um problema social, a prostituição é vista como uma opção dos indivíduos. “Eu tô me prostituindo porque eu gosto”. Nós temos que colocar isso, a prostituição ela é um problema social, muito mais decorrente que a condição de vida, quanto mais vai se precarizando as condições de vida mais vão sobrando como alternativa de sobrevivência a marginalidade, a prostituição, o crime, e a gente vê isso nas aulas de sociologia, como aquela sociedade conservadora, tradicional para a revolução industrial, a urbanização o que que acontece. A mudança né? Dos que não conseguiam se inserir, não porque não queriam, mas por uma série de situações. Então a prostituição precisa ser vista nessa perspectiva. Mas a grande discussão é a importância de discutir a prostituição como um problema social, problema político, que precisa não só da minha atuação como feminista ligada ao movimento, penso que seja uma questão de política pública. Que se pensa a prostituição que se discuta as razões, as motivações, as suas causas e que se eu quiser por opção ser prostituta, aí é uma opção minha, mas eu preciso ter um trabalho, ter uma educação, ter uma casa pra morar. Mas que não seja um problema, que não seja a única opção de vida.

(C.G): Quando você visitou as manguieiras você ainda consegue descrever como era o ambiente? Quantas meninas tinha lá?

(M.M): O ambiente era uma construção grande, mas no momento, quando eu fui lá, em meados da década de 1980, a atividade foi no salão, onde à noite aconteciam as músicas, as mesas, e as meninas ficavam ali circulando e se oferecendo pra seus clientes. Então era um salão limpo, arejado, mas era apenas o salão, os quartos onde elas ficavam não tínhamos permissão de entrar. Tudo muito limpo, bem zelado, foi essa a impressão que ficou. Mas não sei qual condição aquelas meninas viviam, por exemplo, durante o dia. Eram muitas. Eu fui informada que muitas tinham filhos lá, que cuidavam dos filhos e a Lilia permitia que elas ficassem com filhos lá, não sei como era essa acomodação das Manguieiras não só como bordel, mas também como lugar de morada por algum tempo.

(C.G): Ok. Gostaria de agradecer a sua participação professora Mariana, tenho certeza que muito construirá com essa pesquisa.

(M.M): Estou à disposição.

Entrevistado 4: **SEVERINO FELIX**

Entrevistador: **CLAUDILENE GONÇALVES**

(C.G): Seu Severino o senhor aceita que essa entrevista seja gravada e publicada?

(S.F): Certeza

(C.G): O senhor pode começar fazendo uma breve apresentação, como é seu nome, como conheceu ela.

(S.F): Eu sou Severino, eu a conheci por acaso, um dia uma amiga minha me convidou para tomar uma lá. Eu ela e o namorado dela. E quando chegou lá eu fiz amizade com ela e ela me chamou para trabalhar com ela, Só que na época eu fui muito discriminado, “você vai trabalhar num Cabaré?”. Mas eu fui por necessidade, porque eu estava precisando e logo quando eu cheguei lá a maré correu muito bem pra mim, aí eu me acostumei lá e fiquei. Eu cheguei lá em agosto de 1988 e sai em setembro de 2010.

(C.G): Já funcionava lá muito antes do senhor chegar?

(S.F): Já. Quando eu nem morava aqui em Cajazeiras e eu já ouvia falar no cabaré de Lilia porque antigamente o pessoal conhecia lá por cabaré de Lilia. E eu tinha aquela ansiedade de conhecê-la. E um dia eu a vi pela primeira vez em um supermercado. Ai, eu fui pra casa dela e gostei. Não me arrependo do tempo que passei lá trabalhando na casa dela.

(C.G): Considerava ela como uma mãe, e na doença da minha mãe, minha mãe morreu em 1993 ela me ajudou muito. Ela tinha as falhas dela, porque todo mundo tem né? mas da doença e nas coisas assim ela chegou muito junto de mim. E depois eu fiquei com essa minha irmã, ela era mocinha nova, ela ficou morando comigo e eu trabalhando lá pra gente sobreviver.

(S.F): Eu senti muito quando ela faleceu, porque foi muitos anos... a gente discutia, tinha dia que a gente pegava briga de foice mesmo né? mas eu tinha muito respeito por ela e ela tinha muita confiança em mim. Porque ela era assim, se ela gostasse de uma pessoa, ela queria dominar, ela tinha tipo um ciúme das pessoas, se a gente saísse ela ficava falando e a gente sabia que era com ciúmes. Mas eu gostei de lá porque eu me dei bem lá. Se eu disse a você que eu não me dei eu tô mentindo. Porque onde a gente come e bebe tem que agradecer. Tem que agradecer, porque quando eu cheguei na casa dela eu tava necessitando, porque aqui a gente mora em um lugar que não ajuda a ninguém, não tem um emprego. Aí eu fui pra lá e

comecei a ganhar meu dinheirinho... e comprando as coisas, acabando com as necessidades, aí eu disse, aqui é meu lugar. Aí me acostumei. Eu gostava de lá.

(C.G): Morava lá?

(S.F): Não, eu só não fazia dormir. Eu ia de manhã, tinha dia que eu saia de lá três horas, quatro horas da manhã...nunca dormia. Naquele tempo dava muito movimento. Arranjei muita amizade com muitas pessoas boas, ainda hoje eu tenho minhas amizades. Morei com muita menina lá, eu acho que no período que eu passei lá, morou umas 500 mulheres l, tinha época que tinha 35, 28, 30.

(C.G): Como foi a história de abertura da boate?

(S.F): Quando eu fui pra lá já fazia muitos anos que ela tinha aberto, mas ela contou a mim assim...Ela tinha um barzinho, onde antigamente chamava a Palha, onde hoje é a Asa, na estrada do jatobá, e ela tinha um barzinho lá, aí ela conseguiu um terreno lá, que ela comprou a Seu Arcanjo, na verdade ele deu a ela, ele tinha um grande comércio aqui em Cajazeiras, ela contou pra mim que quando ele deu pra ela, foram dizer a mulher dele que ela tava tendo um caso com ele, só que ela disse... que quando foi colocar o bar, ela comprou uma grade de cana a ele fiado, ai ela ficou sendo cliente dele até ele acabar com o armazém.

(S.F): Ela disse pra mim que cobriu com palha de coco, era tipo uma palhoça e não tinha energia, usava lampião.

(C.G): Ela começou sozinha?

(S.F): Sozinha.

(C.G): E Chica Cajá? Não tinha Chica Cajá nessa época?

(S.F): Não, Chica morou com ela, Chica chegou na casa dela Chica tinha 17/18 anos, e ela veio embora que ela era de Açu, Rio Grande do Norte. Quando Lilia morreu fazia um ano que ela tinha morrido. Depois ela perdeu o contato da família, ela não sabia mais se ainda tinha família e ela faleceu aqui. Lilia já tinha vendido a boate, morava numa casinha lá nas Capoeiras.

(C.G): Depois dessa palhoça?

Severino: Aí ela foi construindo, ganhando dinheiro, e ela disse que na época era muito movimento na época e ela foi cobrindo de telha... e ela fez um motelzinho vizinho. Porque lá tinha a boate e vizinho tinha um motelzinho. Lá era tudo organizadozinho. Ela era muito organizada.

(C.G): Esse motel é o Dallas

(S.F): Sim, é o Dallas, era Boate Mangueiras e Motel Dallas. Mas era tudo pegado, tá entendendo?

(C.G): Como era o horário de funcionamento?

(S.F): Abria de duas horas da tarde, todo mundo acordava...porque lá quase que as mulheres não tomavam café da manhã. Raramente uma se levantava de manhã pra tomar café. Aí tinha uma pessoa cozinhando. Todo dia de duas horas já era pra tá todo mundo arrumado, tomando banho.

(C.G): E já chegava clientes?

(S.F): Já. Às vezes chegava de manhã, mas ela não abria, porque as meninas tinham que descansar. Elas almoçavam às 11:00 horas, era tudo nas regras, sabe? Aí almoçava de onze horas e descansava até uma e meia, depois ia se arrumar pra abrir o salão. Aí o horário de fechar Deus dará...

(C.G): Sobre as funções dentro da boate, quais cargos você conseguia observar que tinha lá? As meninas só trabalhavam na boate ou tinha outras funções, de ajudar na limpeza?

(S.F): Lá tinha uma pessoa que cozinhava, quem limpava era eu e às vezes outra pessoa ia me ajudar lá. E tinha uma pessoa que trabalhava de garçom, tinha também a gerente que tomava de conta, a gerente que colocava o garçom, lá entrou vários.

Aí eu ficava de tarde lá, limpava o salão e ficava no salão, porque era muita gente e só o garçom não dava de conta, aí eu ajudava a despachar, lavava copo, as vezes abrir um coco, as vezes passava um tira gosto.

(C.G): E ela? Estava sempre lá olhando as meninas?

(S.F): Não, ela vinha de manhã tomar café, a casa dela era vizinho, ela vinha tomava café e todo dia ela ia pra rua, todos os dias ela ia na rua resolver as coisas, precisava comprar bebida, comprar uma carne. Ela nunca deixava faltar as coisas. Ela ia fazer coisa de banco também né? Pagar, que ela era muito pagadeira, o povo vendia ouro em pó a ela, porque ela era muito pagadeira.

Aí ela chegava da rua 11:00 horas, almoçava e ia pra casa. Ela só vinha de 5 horas para jantar. A janta dela era 5 horas da tarde. Ai quem quisesse comer comia naquele horário, as vezes as meninas nem queria porque tava bebendo, dançando, curtinho lá pra fora nem queria comida, mas a comida ficava lá na cozinha. Ela ia lá jantava e ia pra casa, quando era umas 7 horas ela vinha ficava até umas 11 horas aí ia pra casa. As vezes ela ficava mais tarde, porque onde mora muita gente

sempre tem um aniversário, aí a gente fazia aquela festinha de aniversario ela ficava até doze e meia, uma hora, mas ela tinha que ir pra casa.

Ela era toda incomodada pra dormir, ela tinha que ter a casa dela, só dormia com uma rede, não sei quantos lençóis, era toda cheia de coisa.

(C.G): Era sempre essa quantidade de meninas 30-35?

(S.F): Tinha período lá que tinha, porque era assim...tinha semana que chegava muitas mulheres lá, era do Icó, mas era de uma parte do Ceará, do Rio Grande do Norte, tinha mulher de todos os lugares. Aí chegava, aquela que gostava ficava mais uns dias, muitas vinham mais final de semana: sexta e sábado, e na segunda já ia embora.

(C.G): Como eram os quartos lá?

(S.F): Tinha período que os quartos tava quase tudo vazio, mas tinha vez de três num quarto só. Tinha semana que lotava e ia embora voltava, ia pra outros cantos.

(C.G): Essas garotas tinham família? Tinham filhos?

(S.F): Quase todas tinham filhos. Elas vinham trabalhar e ficavam falando que tava trabalhando porque tinha filho pra criar, tinha mãe, tinha delas que a família ficava em casa esperando elas ganhar seu dinheiro pra ir deixar. Mas lá todo dia dava movimento.

As vezes as pessoas acham que todo homem que vai pra boate é pra fazer programa, as vezes o homem bebia, bebia, pagava uma carteira de cigarro pra mulher e dava 10-20 reais ia embora. Tinha delas que passava a noite batida, só sentada com um homem em uma mesa. E era desse jeito.

(C.G): Mudando um pouco o foco, o senhor notava que existia por parte de Lilia uma preocupação com a saúde sexual das meninas?

(S.F): Existia, ela tinha muita preocupação, mandava elas fazer exame, ela tinha os defeitos dela, que ela gostava muito de brigar, de gritar, mas se adoecesse uma, ela mandava pro médico, era mais lá em Doutor Ananias, se precisasse de pagar uma consulta, ou comprar um remédio ela comprava, aí depois as meninas pagavam a ela. Não aceitava mulher provocar aborto na casa dela, porque ela teve um exemplo de aborto.

(C.G): Qual verdadeiro motivo trouxe Lilia a Cajazeiras?

(S.F): Ela morava no sítio, aí ela disse que se perdeu com um homem casado bem novinha, aí naquele tempo se uma moça perdesse a virgindade o mundo tinha se acabado pra ela. Aí ela disse que fugiu de casa com uma malinha de madeira.

(C.G): Quem trouxe foi o pai?

(S.F): Não, ela veio sozinha, fugiu de casa. Ela disse que a polêmica cresceu muito dentro de casa e ela fugiu.

(C.G): Mas isso resultou em um estupro?

(S.F): Não, não. Quando ela chegou aqui, ficou morando na casa de uma senhora, e ia pra Paia, que antigamente era como se chama a Asa. Ela disse que era nova bonita e começou ganhando muito dinheiro, arrumou uns coroas bons pra ela, ai ela disse que botou na cabeça que ia colocar um barzinho pra ela. Pra ver se ajudava a família, até que o pai dela veio de lá com os dez filhos, e ela sustentou esses irmãos tudinho até todo mundo casar. O pai dela ficou doente, quando eu cheguei lá a mãe dela ainda era viva, a mãe dela morava aqui na rua e criou os 3 filhos delas, só que um era adotado. Teve um filho legítimo dela que morreu de um choque.

(C.G): Qual o nome dele?

(S.F): Egberto

(C.G): Os três filhos dela moravam com a mãe dela?

(S.F): Moravam, aí depois que a mãe dela morreu aí ela tinha uma casa alugada aqui na rua e pagava uma pessoa para cuidar dos filhos dela, com um tempo a filha dela casou foi morar em são Paulo, o outro filho dela foi trabalhar em João Pessoa e o outro ficou por aqui morando com a tia e terminou falecendo de um choque.

(C.G): Lá na boate além do relacionamento entre homem e mulher? Existiam relacionamentos homossexuais entre as próprias meninas e entre Lilia e as meninas?

(S.F): Não...As mulheres vinham pra lá para ganhar o dinheiro...

(C.G): Eu estou perguntando isso, porque uma das entrevistadas comentou a respeito de um possível relacionamento entre Lilia e uma das meninas? Você teve algum conhecimento sobre esse assunto?

(S.F): Sim

(C.G): O senhor confirma né?

(S.F): Sim

(C.G): O senhor era confiante dela, ou existia mais alguém? Em que ela confiava muito?

(S.F): Lá era eu e a irmã dela, a irmã dela era a gerente, às vezes ela me chamava pra conversar na casa dela. Ela passava a tarde em casa e ela me ligava, e ela ia me contar os problemas aí ela chorava e dizia assim, eu confio tudo da minha vida

em você, você é um filho que Deus me deu na minha vida. Ela confiava muito em mim as vezes pedia para pegar comida para nem ir lá na boate. Ela tinha esse relacionamento lá com Jaqueline e todo mundo sabia.

(C.G): Só foi com ela ou também foi com outra pessoa?

(S.F): Do meu conhecimento enquanto eu estava lá só foi com ela, mas ela dizia eu nem gosto Severino dessas coisas. Mas Jaqueline...Não foi aquelas coisas chegada, rolou uns climas, mas ela sempre dizia assim “Eu não gosto disso, eu nasci para ser mulher, quero conhecer todos os homens, eu gosto é de homem rrsrsrs”.

(C.G): E sobre os namorados que ela teve?

(S.F): Teve o finado JT Gomes, Dadá, quando eu cheguei na casa dela ela tinha me mostrado Negô Dadá, JT Gomes já havia falecido em um acidente.

(C.G): JT o, o Pai do filho dela morava em Recife.

(C.G): Ela tinha uma boa relação com os filhos?

(S.F): Ela tinha três filhos, a filha casada morava em São Paulo, o outro morava em João Pessoa e ela ajudava os dois.

(C.G): Sobre os carros, eu fiquei sabendo que ela tinha alguns carros de luxo?

(S.F): Ela possuiu três carros, mas ela não dirigia. Porque o primeiro poste que passasse na frente ela se jogava em cima do poste. Um dos carros ela vendeu para comprar um apartamento em João Pessoa, porque ela ia muito pra João Pessoa fazer tratamento de saúde. Porque ela era muito acomodada, quando ela estava dormindo não gostava que ninguém passasse debaixo da rede dela, por isso que ela não ficava na casa do filho dele em João Pessoa. O apartamento dela ficava no Valentino Figueiredo, Antes de eu sair de lá ela tinha vendido.

(C.G): Se o senhor pudesse descrever a personalidade dela como o senhor descreveria?

(S.F): Ela era uma mulher muito direita... Ela tinha esse defeito que não era uma mulher casada, mas assim no comércio, se eu chegasse numa loja para compra e pessoal perguntassem onde eu trabalhava e eu dissesse que era em Lilia, os caba vendia até a loja toda. Tá entendendo como ela era, ela era direita com as coisas dela.

(C.G): A respeito do título de cidadã cajazeirense, o senhor presenciou essa época? Como foi para ela?

(S.F): Ela ficou muito curiosa, mas teve algumas pessoas aqui de cajazeiras que não aceitou, Pe.Francivaldo era padre do bairro lá, porque onde era aquela boate ali

era no sítio capoeiras sul, e ele não aceitava, a globo foi pra lá, o fantástico, filmou nós tudinho lá, ela era muito católica tinha até uma parte no fantástico que passou ela acendendo uma vela para Padre Cícero, ela era muito católica gostava muito de santo, ela gostava muito de rezar.

(C.G): O senhor sabe o nome dela completo?

(S.F): Maria de Jesus só.

(C.G): O nome dos filhos?

(S.F): Maria Edileuza, Evandro e o falecido Egberto.

(C.G): Qual ano a boate foi aberta?

(S.F): Eu não sei o ano, mas foi na década de 70. E fechou em 2012.

(C.G): Por quê fechou?

Porque ela tava sem condições de administrar a casa. Chica, irmã dela era quem era a gerente, teve um problema de saúde muito sério. Aí ela se iludiu e vendeu e terminou do nada. Lá terminou no nada.

(C.G): Gostaria de dizer agradeço muito por ter aceito participar.

(S.F): Não tem de que minha filha.